A LIAHONA

Outubro de 1966

A LIAHONA

OUTUBRO DE 1966 — VOL. XX — N.º 10

Editor:
Hélio da Rocha Camargo

Redatôra:
Laís N. Manzotti

Fotógrafos:
Wayne M. Beck
Rui Marques Bronze

Tradutores:
Francisco Máximo C. da Silva
José Vieira Neto
Merly Pikel
Regina Kauag
Tereza Cristina da Rocha Costa

*

A Revista *A Liahona*, editada pelo *Centro Editorial Brasileiro*, é o órgão oficial em língua portuguêsa da estaca e missões brasileiras de *A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*. Acha-se registrada sob número 93 do Livro B, nº 1 de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme Decreto nº 4.857, de 9-11-1930. Composta e impressa na Editôra Gráfica Rossolillo Ltda. — Rua Rui Barbosa, 333, São Paulo.

*

Centro Editorial Brasileiro: R. Afonso Braz, 464, 3º, cj. 31 — São Paulo, SP.
Missão Brasileira: R. Henrique Monteiro, 215 — C.P. 862, São Paulo, SP. — fone 80-4638.
Missão Brasileira do Sul: R. General Carneiro, 490 — C.P. 778, Curitiba — PR — fone 4-8016.

*

Os artigos desta edição foram traduzidos de *The Improvement Era, The Instructor, The Relief Society Magazine* e *The Children's Friend*.

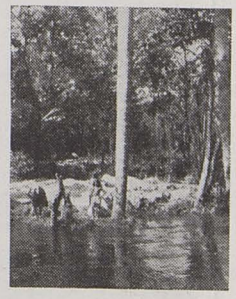
*

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pelo editor.

*

PREÇOS:

Brasil: Ano ..... Cr$ 3.000
Exterior: Ano ..... US$ 4.00
Exemplar: ..... Cr$ 300



Nossa capa: "Ao fundo a mata densa, basta, quase maciça: a impenetrável floresta amazônica."
Foto de Wayne M. Beck.

Então é disso que são feitos os meninos? 8
"Quando um garôto atinge os três anos de idade, pode rememorar uma carreira de notáveis conquistas."

Fantoches 22
Os fantoches são grandes auxiliares no ensino infantil. A história que publicamos neste número fará muito sucesso em uma Noite Familiar.

SEÇÕES

Mensagem de Inspiração 4
Jóias do Pensamento 6
Sacerdócio de Melquisedeque 7
Juventude da Promessa 11
Sacerdócio Aarônico 14
Meu Cantinho 16
Ciência e Religião 18
Página Feminina 24
Escola Dominical 26
Notícias 29
Programa Noite Familiar 31

O VALOR DE

UMA CRIANÇA

Mensagem de Inspiração

Pres. David O. McKay

Quanto vale uma criança? O seu filho? Quando era bebê, seu espírito veio do céu, de Deus, o Pai Eterno. O Espírito de seu bebê é igual ao de um anjo puro vivendo num pequenino corpo. Veio da presença de nosso Pai Celestial para viver com vocês durante pouco tempo, mas viverá para sempre em espírito, como ser ressurrecto.

Nosso Pai Celestial deseja que tenhamos corpos e espíritos puros para que possamos regressar à sua presença. Quando os bebês, as crianças e os pais são puros, podem sempre voltar à presença de nosso Deus, de onde viemos.

Deus espera que conservemos nossos corpos tão puros como os de uma criança e se o obedecermos, seremos igualmente puros. Conheço alguém que se conservou tão puro e meigo como no instante em que foi dado à luz por sua mãe. Você o conhece.

Havia uma mulher cujo nome era Ana. Chorava todos os anos na ocasião em que se dirigia ao templo porque o Senhor não lhe dera um filho. Julgava ela que isso lhe seria a maior bênção do mundo. Bem, leiamos o versículo oitavo de I Samuel:

"Então, Elcana, seu marido, lhe disse: Ana, por que choras? e por que não comes? e por que está mal o teu coração? não te sou eu melhor do que dez filhos?"

Mas Ana orava:

"Senhor dos Exércitos! se benignamente atenderes para a aflição de tua serva, e de mim te lembrares e da tua serva te não esqueceres, mas à tua serva deres um filho varão, ao Senhor o darei por todos os dias de sua vida..." (Ibid. 1-11)

Nasceu Samuel e ainda criança foi consagrado a Deus e levado ao templo, e Ana disse: "Pelo que também ao Senhor eu o entregarei, por todos os dias que viver, pois ao Senhor foi pedido!" (Ibid. 1:28)

E o versículo da Bíblia continua dizendo: "E êle adorou ali ao Senhor." (Ibid.)

Certa noite, depois da lâmpada de Deus se apagar, Samuel já ter ido se deitar e o sumo-sacerdote Eli se encontrar adormecido, algo aconteceu:

Voltemos agora ao terceiro capítulo de I Samuel, onde se lê:

"...O Senhor chamou a Samuel, e disse êle: Eis-me aqui.

"E correu a Eli e disse: Eis-me aqui, porque tu me chamaste. Mas êle disse: "Não te chamei eu, torna a deitar-te. E foi e se deitou.

"E o Senhor tornou a chamar outra vez a Samuel. Samuel se levantou e foi a Eli, e disse: Eis-me aqui, porque tu me chamaste. Mas êle disse: Não te chamei eu, filho meu; torna a deitar-te.

"Porém Samuel ainda não conhecia ao Senhor e ainda não lhe tinha sido manifestada a palavra do Senhor.

"O Senhor, pois, tornou a chamar Samuel a terceira vez, e êle se levantou e foi a Eli, e disse: Eis-me aqui, porque tu me chamaste. Então entendeu Eli que o Senhor chamava o mancebo.

"Pelo que Eli disse a Samuel: Vai-te deitar, e há de ser que, se te chamar, dirás: Fala, Senhor, porque o teu servo ouve. Então Samuel foi e se deitou no seu lugar." (Ibid. 3:5-9)

Por que o Senhor desejava aparecer parcialmente a Samuel no templo? Porque êste era limpo.

Podemos compreender agora qual a espécie de filhos que o Salvador tinha em mente quando as mães levavam seus filhos para que Êle as tocasse. Os Apóstolos as proibiram, mas o Salvador magoou-os e os repreendeu, dizendo: "Deixai vir a mim os pequeninos e não os impeçais porque dos tais é o reino de Deus." (Marcos 10:14)

Pais e mães da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, o Salvador afirma a mesma coisa para vocês e para o mundo inteiro:

"Deixai vir a mim os pequeninos e não os impeçais; porque dos tais é o reino de Deus." (Ibid.) De que maneira vocês os impedem? Ao colocar em seus caminhos o fumo, as bebidas fortes, o mau humor e os maus exemplos.

Que o Espírito de Deus habite em vossos corações e lares, a fim de que seus filhos possam crescer puros e imaculados e regressem ao Criador tão puros como gôtas de orvalho ou como o branco interno dos lírios.

Deixo minha bênção sôbre as crianças e sôbre vós, pais, para que possais amar a verdade e renunciar aos erros.

Jóias do Pensamento

EM ESTADO DE CÓLERA

Richard L. Evans

Já falamos em outras oportunidades daquilo que vem da mente e do coração do homem — a linguagem que êle usa — humor, profanidade: aquilo de que êle se ri ou deixa sair de seus lábios podem ser a medida de sua mente e alma e do que êle é por dentro. Há ainda um outro tipo de caráter, que se mostra pela cólera desordenada e sem contrôle. "Os homens não devem tornar-se (como) as abelhas (que colocam sua vida no ferrão)...", disse Sir Francis Bacon. "Para conter os vários danos da cólera... há duas coisas que se deve tomar especial precaução. Uma, as palavras extremamente amargas, principalmente se são espinhosas e pessoais ... A outra, não rompermos peremptòriamente em um negócio, estando em cólera; mas, seja qual fôr a maneira de mostrarmos nossa cólera, não a façamos de maneira irrevogável." Em outras palavras, não publique um ultimatum nestas horas e não bata a porta para sempre dentro de sua cólera. "Pois aquêle que está excitado pela cólera parece perder a razão..." disse Marco Aurélio. "A alma injuria-se quando a razão a deixa, ou move-se contra o homem, com a intenção de prejudicar quando êste faz algo sem considerar o fim." "Alguns pensam sentir-se melhor quando se desabafam em linguagem abusiva e imprópria," disse Brigham Young. "No entanto, é um êrro quando a ira e o amargor do coração humano são transformados em palavras proferidas com violência contra uma pessoa; se essa prática continuar, haverá rusgas entre marido e espôsa, pais e filhos, irmãos e irmãs, até não haver mais amizade." Os homens "não devem usar os contratempos e circunstâncias desagradáveis para amargurar sua natureza e torná-la irritável e dissociável no lar, proferindo palavras amargas e ásperas à espôsa e filhos, causando tristeza em seu lar, tornando-se odiados ao invés de amados pelos familiares." "Nada faça em estado colérico," disse Thomas Fuller. E Shakespeare assim o disse: "Não aqueça uma fornalha para o seu antagonismo, a ponto de tostar-se a si próprio." Deus conceda que não nos aconteça como às abelhas, de nos destruirmos com a nossa própria cólera.

Na gostosa sombra das árvores que embelezam a frente da nossa capela, sob o esplêndido sol da manhã radiante, aguardávamos a vinda do ônibus que nos transportariam, a mim aos meus serviços rotineiros e a missionária às suas derradeiras visitas; digo derradeiras pois naquela mesma noite, terminada a missão, embarcaria para o lar inesquecido, para a querida terra de onde saíra dois anos antes.

Eu observava a transbordante alegria refletida em seu rosto. Desde que começara a missão fôra uma moça alegre e disposta, mas hoje parecia sê-lo ainda mais e era natural porque, após dois anos longe dos seus, era chegada a hora de matar as saudades que tinha dos pais, dos amigos e talvez do namorado... de rever aquilo que havia constituído sua infância e juventude.

Quem me dera, tantos anos longe de minha terra, poder rever, mesmo por uns instantes, tudo aquilo que jamais foi esquecido!

Já dentro do ônibus, aquela irmã contou-me da emoção dos últimos instantes entre nós e de que tinha, naturalmente, ainda uma porção de coisas para resolver: comprar presentes, escrever cartas, fazer visitas, etc. Ex-missionária, pois havia recebido uma desobrigação honrosa e um belo distintivo, razão de justo orgulho, sorria de entusiasmo e a mim restava desejar-lhe boa viagem e feliz retôrno, que certamente o seria, pois os que são guiados na vida pelo Pai Celestial, geralmente alcançam a felicidade almejada.

A certo momento, percebi que ela havia esquecido completamente a nossa conversa e foi então que, além da admiração que me inspirava, comecei a sentir dentro de mim algo que fêz meu rosto enrubescer, algo que mostrou quão pequeno eu era diante dos desígnios do Pai. Sim, irmãos, ali, naquele instante, recebi a minha primeira lição, pois vi como aquela criatura resoluta, missionária recém-desobrigada e certamente cheia de assuntos a resolver antes de embarcar, dirigia-se à senhora sentada ao seu lado e, sorridente, fazia-lhe a pergunta de ouro, "Conhece a Igreja mórmon?..." ....E ato contínuo, lápis e cartão de referência na mão, pois sua ouvinte, talvez por inspiração divina interessara-se pela pergunta, dava a primeira lição do verdadeiro evangelho à desconhecida.

A "sister" nem ligou para mim quando desci do veículo, pois era a missionária que sabia ser a sua missão eterna e por isso continuava tentando salvar mais uma alma para o reino de Cristo e eu, um sumo-sacerdote, aceitei a muda lição que me dera. Eu não tinha tido a coragem e a fôrça de também dirigir-me ao meu companheiro de trajeto e fazer-lhe a pergunta de ouro...

Irmãos, se alguma vez lhes perguntarem porque esta é a Igreja Missionária de Cristo, lembrem-se da lição que aprendi e aceitei com humildade e reconhecimento ao Pai Celestial.

Obrigado, querida irmã, pois talvez não saiba como a sua fôrça missionária ampliou a minha compreensão e elevou o meu testemunho...

Lição a Um Sumo-Sacerdote

Juan Condom Vidal
2.º colocado no concurso
literário da Liahona

TERCEIRO CAPÍTULO DA SÉRIE
"ENTÃO É DISSO QUE SÃO FEITOS OS MENINOS?"

A IDADE DO "EU"

por *W. Cleon Skousen*
Chefe de Polícia de Salt Lake City

Nas artigos anteriores notamos que o desenvolvimento humano segue um extraordinário fluxo e refluxo rítmico.

O primeiro ano é como a maré baixa — calma, complacente, receptiva. O segundo ano é bem oposto. O pequeno de dois anos arrebenta-se contra a praia com um brilho selvagem nos olhos e forte espírito aventureiro. Então, de repente, mais ou menos aos três, a maré volta a mudar e descobrimos que nosso garôto está adquirindo atributos de infância amadurecida — já consegue alimentar-se, vestir-se e até distrair-se sòzinho. Nem tôdas as crianças mudam seus padrões de conduta com regularidade idêntica ou com a mesma intensidade, mas tôdas acabam por enquadrar-se nêles. Examinemos agora o nosso homenzinho em seu momento de triunfo — os três anos.

Retrato do terceiro ano

Quando um garôto atinge três anos de idade, pode rememorar uma carreira de notáveis conquistas. Êle aprendeu a engatinhar, caminhar, correr e subir. É ágil e ligeiro, sabe esquivar-se para os lados, atirar coisas, parar sùbitamente e dobrar esquinas. Consegue movimentar os braços ao correr, ao invés de mantê-los à frente, como fazia há um ano atrás e aprendeu um nôvo idioma, com um vocabulário de centenas de palavras. Já desenvolveu algumas preferências e aversões, que lhe permitem escolher entre duas alternativas. Tem uma ligeira noção de futuro. Portanto, pode-se convencê-lo a colaborar com a promessa de uma recompensa. Quando brinca no escorregador, sabe esperar com paciência sua vez. (Mas se começa o "empurra-empurra", êle é capaz de sobreviver sob a lei da selva.)

Um garôto de três anos amolda-se. Êle pergunta com freqüência: "É assim, mamãe?" Gosta que lhe digam que está fazendo as coisas direitinho. Aprecia brincar no mesmo aposento em que sua mãe está trabalhando — o que explica a fila de carrinhos atravancando a sala e a cozinha. Sua conduta caracteriza-se a maior parte do tempo pela colaboração e camaradagem, durante êste período. A única exceção é quando come.

Pouco antes dos três anos teve início uma greve de fome que pode perdurar até quase os cinco. É claro que êle come, mas como um passarinho — um beija-flor. Isto chega a provocar pânico em sua mãe, especialmente quando ela nota que seu pequeno querubim gorducho ameaça transformar-se num pau-de-vira-tripa. Desesperada, ela procura o médico para contar o seu drama. Com paciência profissional êle conduz-nos até um canto e segrega: "As glândulas do moleque estão-se transformando."

"Talvez estejam", replicamos impacientes, "mas acontece que êle não quer comer!"

"Êle não precisa de comer tanto quanto antes," responde o doutor.

"Mas êle está emagrecendo," argumentamos.

"Não, está apenas distribuindo o pêso pelo corpo", explica êle.

Então, com a dose exata de compaixão profissional, êle nos revela um soleníssimo segrêdo da "Venerável Ordem dos que Criam Filhos" — por volta dos dois anos e meio uma criança começa a transformar suas gorduras e covinhas em músculos e ossos. Isto resulta num espécimem humano mais alto e esguio. E durante o processo, êle sente pouco ou nenhum apetite. O doutor manda animá-lo a comer quando êle deseja, mas diz para não se criar um grande caso com isso. A menos que o garôto comece realmente a perder pêso, não há motivo para preocupação. Êle nos adverte de que o apetite agonizante do pequeno pode ter morte de vez com doces ou beliscando entre as refeições. Mesmo um pouco de goma de mascar antes da janta pode fazê-lo ir para a cama sem comer.

Após terem atravessado esta greve de fome com seu primeiro rebento, os pais geralmente ficam mais calmos quando a doença ataca os outros filhos.

E as crianças "atrasadas"?

É fato também que quando o filho atinge três anos de idade, alguns pais começam a achar seu desenvolvimento meio lento em relação ao de outras crianças da mesma idade. Parece que custam a aprender a andar ou falar. Alguns não querem largar a barra da saia da mãe, não param de chupar o dedo e fogem das outras crianças.

Quando expomos êsses problemas ao doutor, êle examina o garotinho e, a menos que haja algo sério, tranqüiliza-nos e explica que crianças "atrasadas" freqüentemente sobressaem-se quando adultas. Alguns dos maiores atletas demoraram a andar e oradores famosos custaram a aprender a falar.

Isto quer dizer que as normas de conduta descritas como "normais" para estágios definidos de desenvolvimento são flexíveis. E é a Mãe Natureza (de preferência aos pais) quem decide quando uma criança deve passar de um estágio a outro. Portanto, o papel dos pais é tocar em frente, apreciando o garôto pelo que êle é, ao invés de querer forçar sua atividade, enquanto a Mãe Natureza não tenha dado um claro sinal de partida.

Às vêzes um menino de três anos preocupa seus pais comendo com a mão esquerda, em vez da direita. Costumava-se acreditar que essa tendência não devia ser contrariada, de mêdo que a frustração fizesse o garôto ficar gago, mas hoje muitos médicos já adotam a teoria do Dr. Abram Blau, que escreveu o livro *The Master Hand* (A Mão Direita.)

Êsse livro fornece boa evidência de que o mancinismo ou o canhotismo não são inatos, mas adquiridos através do hábito. O Dr. Blau recomenda que os pais auxiliem a

criança, desde o princípio, a utilizar a mão direita. No entanto, se houver uma preferência acentuada pela mão esquerda, e as tentativas de fazê-la mudar criem antagonismo, é melhor esquecer o assunto do que discutir ou brigar por causa dêle.

Expulso do ninho

Por volta dos três anos e meio, ou um pouco mais tarde — exatamente quando adaptamos nosso rebento a todos os pequenos "deveres" e "hábitos" de uma criança-modêlo, algo acontece. Talvez suceda primeiro na mente dos pais — *êles começam a dar como certo o desenvolvimento do garôto.* Mesmo sem o perceber, continuam a impelir o pequeno pela estrada da auto-suficiência. Na verdade, isto é muito bom, mas em dado momento o moleque percebe o que está sucedendo. De um estalo, como um relâmpago num céu de verão, a idéia brota em seu cérebro: *êle está sendo expulso do ninho!* Com angústia relembra os velhos dias em que seu pais alimentavam-no, vestiam-no e tomavam conta dêle *de verdade.* Quando caía e machucava o nariz, corriam para êle, punham-no no colo, passavam remedinho e beijavam o machucado. Agora êle pode cair de cara no chão que dizem: "Levante-se, vamos! Homem não chora!"

Êste procedimento escandaloso convence-o de que sua vida atingiu uma crise monumental. Quase instintivamente êle entra em ação. Resolve dar para traz e voltar aos velhos dias tão depressa quanto possível. De uma hora para a outra êle começa a agir como nenêzinho, fica manhoso, a exigir atenção constante, empregando os mais estranhos truques que seu cèrebrozinho pode conjurar. Faz birras, atira a comida e chora histèricamente, transformando-se num desordeiro de marca maior. Êste é o início de uma guerra de três anos com seus pais, na tentativa de forçá-los a voltar aos "velhos dias". É um período de dinâmica centrípeta em que o garôto quer tornar-se o centro do universo. A idade do "Eu" chegou!

Retrato de um garôto de quatro anos

A reação natural da maioria dos pais ao estágio do "Eu" é interpretar o repentino colapso do pequeno como uma tremenda catástrofe que deve ser reparada a todo custo. Portanto, êles redobram a pressão para fazer o menino voltar a comportar-se tão bem como antigamente. E o fato de êle não atender irrita-os, uma vez que *sabem* que êle pode fazê-lo. O pequeno está apenas sendo teimoso, é claro. "Como seu pai!" resmungará a mãe.

Mas nesta guerra para obter atenção, convém saber que a Mãe Natureza determinou que o garôto vencesse a maioria das vêzes. Como ignorá-lo, quando seus recursos são martelar o piano, massacrar o irmãozinho menor, fazer perguntas maliciosas, espremer o gato e tentar fazer o cachorro morder o rabo? E o curioso é que êle está disposto a qualquer coisa para chamar a atenção, mesmo quando sabe que o que está fazendo merece (e provàvelmente conseguirá) uma boas palmadas.

Desta forma, tomamos contato com êsse espantoso período de crescimento que caracteriza os quatro anos. A Mãe Natureza incutiu no garôto um amontoado de noções novinhas em fôlha e por algum tempo êle tem consciência de maior número de coisas do que consegue controlar. Com entusiasmo selvagem, atira-se em tôdas as direções, querendo experimentar seus recentes podêres. Êle tagarela contìnuamente com um vocabulário de duas mil palavras; conta histórias fantásticas; mexerica; ameaça; fala palavrões; apresenta argumentos. Levanta-se no meio da noite e enceta incursões exploratórias pela casa; talvez até acabe dormindo com seu travesseiro e cobertor embaixo do sofá. Êle conta basófias a torto e direito, num mundo de valentia e é, na verdade, o centro do universo.

Para os filhos que vêm depois, êste estágio é muito simples de enfrentar, porque os jovens pais sabem que se trata apenas de uma fase de crescimento e não representa uma degeneração completa da personalidade, como antes supunham. Êles aprendem a manter um pouco de pressão sôbre o menino, mas dão-lhe muito afeto e bastante atenção, para que êle gradualmente perceba que não precisa esforçar-se tanto para ser alguém. À medida que esta compreensão fôr brotando em seu cérebro, o pequeno terá ataques ocasionais e às vêzes freqüentes de "ser bonzinho" como era naqueles róseos dias no início dos três anos.

Furtar e mentir

Antes de deixar nosso garôto de quatro anos, é bom que mencionemos dois problemas especiais que podem divertir seus pais (ou levá-los ao pediatra). Uma coisa é contar mentirinhas inocentes e outra é furtar tudo o que lhe caia nas mãos. Felizmente, contudo, um pequerrucho dessa idade não sabe que está mentindo ou roubando e o pior êrro que um adulto poderá cometer será dizer-lhe que é "mentiroso" ou "ladrão". Se êle acabar acreditando, usará isto como um título e persistirá só por causa da nova condição que criam para êle.

As mentirinhas de um garôto, aos quatro anos, são na verdade exercícios de imaginação criativa:

"Mamãe!"

"O que é, filhinho."

"Mamãe, eu vi um dragão."

"Ora, meu bem, você não viu dragão nenhum."

"Vi sim. Era do tamanho de uma casa. Tinha chifres e soltava fogo pelo nariz."

"E o que foi que você fêz?"

"Eu parei e fiquei olhando êle. Fui muito corajoso."

"E o que aconteceu ao dragão?"

"Êle entrou num buraco!"

Os pais logo aprendem que se aparentam apreciar as invencionices do júnior e se referem a elas como "histórias muito boas", êle acaba percebendo que seus pais são muito espertos e sabem quando algo aconteceu realmente ou quando êle apenas está inventando coisas para divertir-se.

Quanto a roubar, o que um garôto de quatro anos entende a respeito disso é que viu algo que queria e apanhou-o. Seu senso de propriedade é pràticamente nulo, já que tudo o que possui na vida está sujeito ao contrôle dos astros. Por exemplo, êle ganha um trem elétrico no Natal e logo de saída seu pai estraga o limpa-trilhos fazendo experiências com uma passagem de nível. O pequeno entende que "posse" é "propriedade", portanto pega o que quer. Um papai paciente permite-lhe brincar durante algum tempo com um brinquedo "adquirido" e depois vai com êle devolvê-lo ao garôto do vizinho.

Continua

Marion D. Hanks

TODO RAPAZ E MOÇA NORMAL DESEJA

casar-se na ocasião certa, sob as condições certas, com a pessoa certa. Quando a grande ocasião chegar, você desejará estar pronto para ser a pessoa certa **para alguém e isto exige muito mais que sonhos! Todo rapazola e tôda mocinha, ao entrarem na época do namôro, deveriam estar cientes de que o casamento é um grande desafio ricamente compensador que requer preparo, se destina-se a ser** tudo **o que pode e deve ser. O casamento tem muitos aspectos, entre êstes:**

ECONÔMICO:

Prover o sustento da família, financiar e cuidar de alguém; isto exige disciplina, responsabilidade e trabalho duro.

CULTURAL:

Os esposos deveriam ser os melhores amigos um do outro, tanto como enamorados quanto como companheiros. Para serem felizes devem gostar de estarem juntos e fazerem as coisas juntos, ou no mínimo, serem maduros o bastante para APRENDEREM a gostar de fazer as coisas juntos e serem respeitadores e compreensivos acêrca do que o outro aprecia.

SOCIAL OU EMOCIONAL:

Isto não significa dançar divinamente ou ir a festas, não obstante ser a sociabilidade bastante importante. Significa que ambos devem ser amadurecidos o bastante para estarem mais interessados no sucesso do casamento e na felicidade do outro do que em defender os próprios "direitos." As pessoas casadas que não podem vencer as criancices e as leviandades não são felizes.

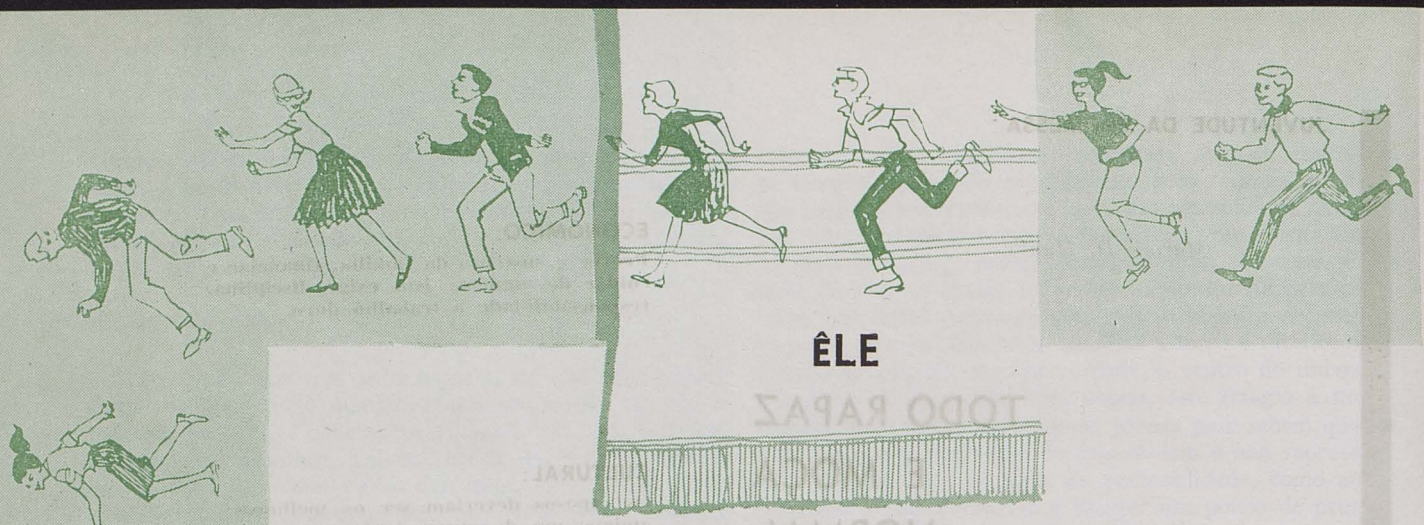
ROMÂNTICO:

Altos ideais, côrte sábia e consciência traqüila acompanhada de pureza pessoal resultam numa sólida base para as relações românticas do casamento. As pessoas que "caem" de amôres, algumas vêzes caem de algumas outras coisas. O verdadeiro amor deve ser aprendido, realizado, galgado; edificado sôbre os firmes alicerces da amizade, do respeito, da consideração, da bondade. As boas maneiras e a cortesia são igualmente fundamentais.

ESPIRITUAL:

Havendo unidade no interêsse religioso, fé e atividade, o casamento será inevitàvelmente mais feliz. Em tôrno da busca reverente, da oração, do viver sadio e do serviço religioso, uma ótima família poderá ser organizada.

Avalie o seu comportamento nas páginas seguintes e lembre-se de que agora é o tempo de preparar-se, se deseja ser feliz no casamento...



ÊLE

● **Está recebendo uma sólida instrução educacional ou vocacional?...**
Encara isto sèriamente?...
As suas notas e os seus esforços representam tudo o que pode dar?...
Se fôsse empregador, desejaria empregar alguém como você mesmo?...

● *Aprecia a leitura?...*
Que livros leu (livros escolares não contam) nos últimos seis meses?...
Participa ou entende de esportes?...
É uma companhia divertida?

● **Como procede na pista de dança, no comitê de baile ou dirigindo uma reunião: banca a "prima donna", o "garôto mimado" ou o "figurão?"...**
Quando tem um encontro e a família precisa do carro, como age? Maduramente? "Bola" uma solução? Conforma-se à "mancada", como se fôsse o contrário?...
Coopera voluntàriamente nos serviços de casa?...

● *É cavalheiro?...*
Protege suas amigas de experiências, linguagem ou condutas que sejam desagradáveis ou indígnas delas?...
Levaria sua namorada para casa na hora especificada, a despeito de sua própria opinião?...
Gostaria que a sua irmã ou sua filha fôssem tratadas da mesma maneira que você trata as outras garôtas?...

● **Freqüenta e participa das reuniões da Igreja?...**
Qual a última vez em que você voluntàriamente — sem ser louvado por ninguém — prestou algum serviço ou ato atencioso a outra pessoa?...
Compreende sua religião?...
Vive de conformidade com a sua crença?...
Realmente jejua nos Domingos de Jejum — e aproveita espiritualmente dessa experiência?...

ELA

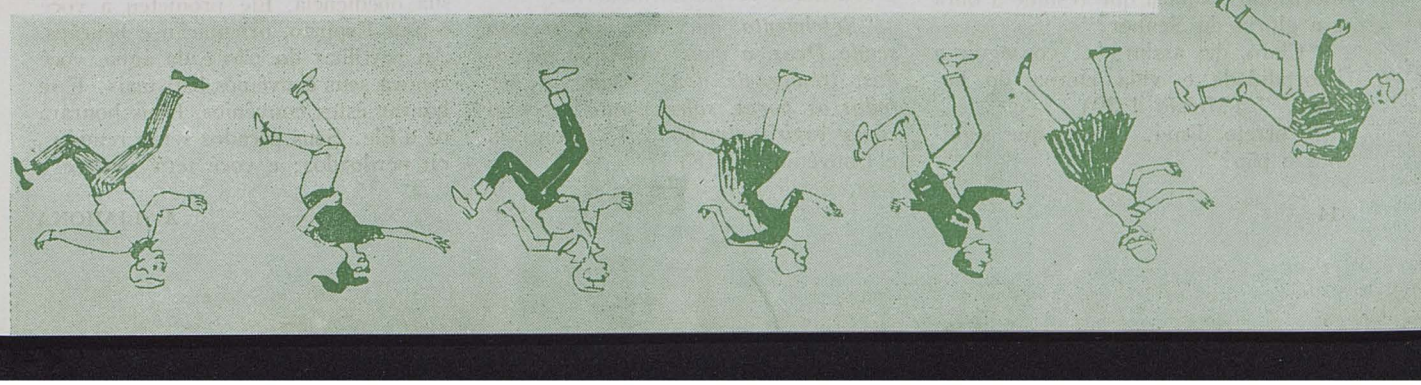
● **É capaz de fazer um vestido? E um pão?...**
Tem idéia do que custa alimentar, vestir e alojar uma família?...
Pode arranjar-se sòzinha, se precisar?...
Mantém o seu quarto limpo?...

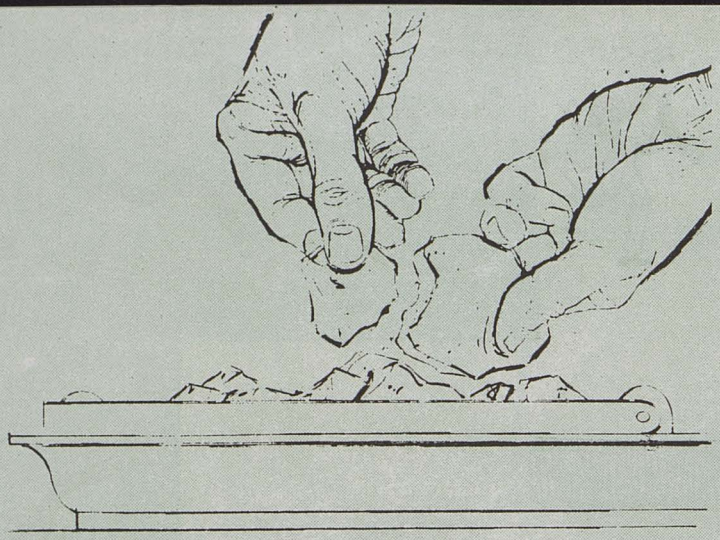
● *Gosta de conversar com as pessoas? Fala sempre sôbre projetos?...*
Tem a iniciativa de ignorar o televisor e ler um livro?...
Pode ter uma noite divertida com um rapaz sem ir a um espetáculo, à pizzaria, namorar nos cantos ou gastar dinheiro?...
Estaria disposta a convidar um rapaz para ir à sua casa ou para participar de uma noite familiar?...

● **Se os seus amigos possuem objetos que seus pais realmente não pode adquirir é capaz de, cortês e amàvelmente, passar sem essas coisas?...**
Trabalharia e faria sacrifício para ajudar a manter um irmão em missão ou na escola?...
Demonstra consideração por seus pais, por seus esforços e necessidades?...
Consegue discutir um princípio sem muxoxos, lágrimas ou raiva?...

● *Crê que seus pais deveriam estabelecer um horário para você chegar em casa?...*
Tem consciência e fôrça bastante para exigir respeito e boas maneiras de seus amigos? Você estabelece os padrões?...
Está guardando memórias felizes para os anos vindouros?...

● **Encoraja os jovens a honrarem o sacerdócio de que são portadores?...**
É reverente na Igreja? Na hora do sacramento? Na classe?...
É sincera quando ora?...
Acha tempo para visitar alguém doente, triste ou solitário, uma hora por semana?...





Sacerdócio Aarônico

O

"Papai, esta foi uma das melhores lições de Noite Familiar que já recebí, mas francamente, o sacramento nunca significou tanto para mim. Por que o tomamos tão freqüentemente? Algumas vêzes parece-me um ritual sem qualquer significado."

"Bem, Daví, temo que isto ocorra com a maioria de nós. Mas, veja você, vivemos num mundo tão material e físico, e com freqüência nos vemos tão materialmente protegidos e satisfeitos conosco mesmos, que necessitamos de uma freqüente lembrança de Cristo e dos *propósitos reais e espirituais da vida*. Note que o pão e a água são abençoados para a nossa *alma,* e não para o nosso corpo, tal como se faz ao jantar."

"O que o senhor quer dizer com isso — abençoados para a nossa alma? E por que temos duas bênçãos?"

"Deixe-me responder, primeiramente, a sua segunda pergunta. O pão simboliza a carne de Cristo, que foi "partida" ao ser crucificado no Calvário. Três dias mais tarde ressurgiu e tornou-se imortal, significando que retomou o seu corpo. Seu espírito e seu corpo tornaram-se inseparàvelmente ligados, e jamais tornarão a morrer. Mediante êste mesmo poder miraculoso, você, eu e tôda a humanidade ressurgiremos e nos tornaremos imortais.

"Lembra-se da escritura que memorizamos, aquela que resume a obra e a glória do Senhor?"

"Claro, diz assim: '...conseguir a imortalidade e vida eterna do homem.' " (Moisés 1:39)

"Correto, Daví. Ora, o que significa o pão?"

"O corpo de Cristo — Calvário — a ressurreição e a imortalidade."

"Certo. O Senhor já completou um dos seus dois propósitos — a *imortalidade* do homem. Agora, qual é o segundo propósito do Senhor?"

"Conseguir a *vida eterna* do homem."

"É aqui que entra a água, Daví. Simboliza o sangue de Cristo, o qual foi derramado no Jardim de Getsêmani e no Calvário pelos pecados do homem. Isto é chamado expiação. Se tivermos fé n'Êle, nos arrependermos de todos os nossos pecados e prometermos que guardaremos seus mandamentos, Êle nos dará o Espírito Santo. Sob esta divina influência, enquanto guardarmos nossas promessas, seremos perdoados e purificados dos nossos pecados."

"Então, se permanecermos fiéis, quando deixarmos esta vida, nos sentiremos limpos e seguros na presença de Deus. Teremos uma ressurreição celestializada. Esta é a *vida eterna,* que é a segunda grande parte da obra e da glória do Senhor. Assim, Daví, a água significa não sòmente o sangue expiatório de Jesus Cristo, mas também a vida eterna."

"Compreendo, mas como poderia o Salvador sofrer pelos *nossos pecados?*"

"Não compreendo inteiramente como Êle o fêz, mas sei que realmente o fêz. Êle descreveu esta terrível prova numa revelação moderna:

"Sofrimento que me fêz, mesmo sendo Deus, o mais grandioso de todos, tremer de dor, e sangrar por todos os poros, sofrer tanto corporal como espiritualmente..." (Doutrina e Convênios 19:18)

"Êste grande sacrifício do Filho de Deus é o coração do inteiro plano do evangelho e o maior ato e dom de tôda a história humana; e daqueles que recebem êste transcendente dom, Cristo torna-se o Salvador."

"Papai, o que o senhor quer dizer com "receber o dom"? E o que tudo isto tem a ver com o sacramento, afinal?"

"Muitos de nós jamais recebemos os dons que nos são dados. Por exemplo, você já deu sua atenção a alguém que não recebeu nem a sua bondade nem o seu amor?"

"Sim."

"Bem, para receber êste grande ato de bondade divina ou de amor, precisamos também fazer certas coisas. (Veja Doutrina e Convênios 88:33) Aqui é onde entram os princípios e ordenanças do evangelho — incluindo o sacramento.

"Ora, pensemos um momento, filho. Lembra-se por que foi batizado?"

"Para remissão dos pecados. Prometí, também, a Deus que guardaria os Seus mandamentos."

"Correto. E com respeito a quaisquer pecados que você tenha cometido desde o seu batismo?"

"Não sei, exceto que deveria arrepender-me dêles."

"Sim. Vê, ao ser batizado, você fêz um convênio, ou promessa solene, com Deus, de ser fiel. Em trôco da sua obediência, Êle prometeu a você o Seu Espírito, orientação e bênçãos. Ao partilhar do pão e da água, você renova seus convênios batismais. E se honrar êstes convênios, Deus honrará os d'Êle. Seus pecados serão remidos, ou perdoados; e você terá sempre o

SACRAMENTO

uma bênção para as nossas almas

Stephen R. Covey

Seu Espírito consigo, tal como o declararam as orações sacramentais."

"Quer dizer que partilhando dignamente do sacramento, posso ser perdoado dos meus pecados?"

Exatamente, e recebendo grande fôrça espiritual também. O finado apóstolo Melvin J. Ballard testificou sôbre isto:

"Sou testemunha de que há um espírito atendendo à administração do sacramento que aquece a alma da cabeça aos pés; sente-se as feridas do espírito sendo curadas, e a carga sendo erguida. (1)

"Daví, a minha própria experiência tem me convencido de que quando partilho do sacramento dignamente "e com real intento," encontro paz e descanso dentro da minha alma. Exatamente como o sono desembaraça o nosso corpo cansado, o culto e a oração, arrependimento e convênio com "real intenção," desembaraçará o nosso espírito cansado, confuso e cheio de dúvidas."

"Papai, como posso melhor preparar-me para partilhar do sacramento?"

"Primeiro, filho, olhe para dentro de sí mesmo. Há qualquer hipocrisia aí dentro? Orgulho? Impureza? Ore por um sentimento de divina tristeza. Determine-se a abandonar qualquer forma de impiedade. Como você mesmo diz, arrependa-se. Tem qualquer ressentimento contra alguém ou ofendeu alguém? Pode pedir seu perdão? Não é fácil. Fazer isto poderá quase partir-lhe o coração, mas é exatamente a espécie de sacrifício esperado de nós atualmente — Um coração quebrantado e um espírito contrito. É um sacrifício espiritual, em contraste com o sacrifício físico ou de sangue requerido de Israel anteriormente à missão terrestre de Cristo.

"Na Festa da Páscoa, ou Última Ceia, o próprio Cristo ministrou o primeiro sacramento e ensinou por exemplo e por preceito Seus mais elevados mandamentos de *humildade* (Veja João 13:3-17) e de *amor* (veja João 13:34-35), ilustrando maravilhosamente como devemos nos preparar e partilhar do sacramento dignamente. Após isso, realizou o último sacrifício de sangue, dando voluntàriamente Sua própria vida."

"Mas como é que poderemos fazer convênio, papai?"

"Daví, prepare-se para prometer, ou fazer convênio, horas ou mesmo dias antes de participar do sacramento. Na reunião, cante o hino sacramental com sentimento. Ouça atenciosamente as palavras das orações. Tome tento em cada palavra. Relembre o Salvador e estas verdades. Então, ao partilhar do sacramento, inteiramente consciente, com a sua mente decidida, prometa ao Senhor, prometa a sí mesmo e prometa aos outros — em outras palavras, renove os seus convênios — tomar o Seu nome sôbre você, ser sempre uma testemunha dÊle e guardar os Seus mandamentos."

"Papai, se o fizermos, o que podemos esperar?"

"Daví, se você fizer o convênio sinceramente, sentirá tanto a paz quanto a harmonia. Lembre-se de que as vitórias privadas precedem as vitórias públicas. O Getsêmane de Cristo precedeu o Seu Calvário. Sua própria vitória íntima e privada no sacramento o habilitará a permanecer na companhia do Espírito Santo, a única e verdadeira fonte de segurança pessoal. Ancorado privadamente em princípios verdadeiros, você terá então as vitórias públicas. Sendo verdadeiro, você conseguirá o respeito público. Sua vida será calma e segura, e você se tornará cônscio da presença de um real, embora invisível, Amigo.

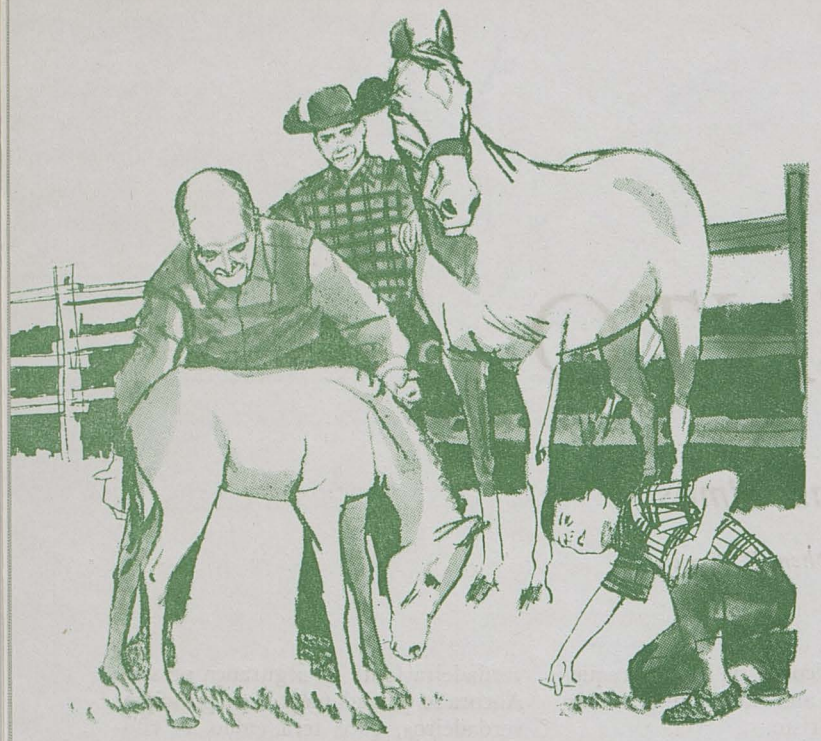
"Mas se você apenas agir externamente, mediante 'rituais diários de oração sem qualquer significado' e de 'rituais semanais de sacramento', descobrirá que está comprometendo seus princípios e sua integridade sob as fustigadoras pressões da vida. Você perderá tanto a companhia do Espírito Santo quanto o seu respeito próprio. Descobrirá que está fingindo, representando papéis, cuidando mais de roupas, aparência, carros e outras posses materiais, tudo num esfôrço de ganhar a aprovação e a popularidade entre os outros. Mas a opinião pública é inconstante e não oferece segurança.

"Daví, a maior parte do mundo está neste moinho — sedenta de uma água que não satisfaz a alma. Agora, filho, para voltar à sua primeira pergunta, "Por que *abençoamos* o pão e a água para as nossas *almas*, e não para os nossos corpos?"

"Quando partilhamos dignamente do sacramento, isso realmente satisfaz as nossas *almas* e aperfeiçoa a nossa vida. Também, tornamo-nos testemunhas de Cristo."

---

1. **Bryant S. Hinckley, Sermons and Missionary Services of Melvin Joseph Ballard; Deseret Book Company, Salt Lake City, Utah 1949; página 149.**



MEU CANTINHO

Golden Boy, o potrinho

CAPÍTULO I

Evelyn Cox

Tim sentava-se à beira do assento ao lado do seu pai. A camioneta vermelha deixou a estrada rural e atravessou o portão entrando nos fundos da fazenda. Tom Mason abriu a porta e desceu, seguido de perto pelo filho.

"O Sr. acha que o Sr. Clark já vendeu a égua e o seu potro?" perguntou com ansiedade.

"Duvido, filho. Vejamos se o Sr. Clark está no estábulo." Tom Mason abriu a porta do estábulo e olhou para o interior escuro.

"Ó de casa!" chamou.

"Olá!" respondeu uma vozinha do palheiro. Jim Clark apareceu com um balde na mão.

"Demos uma paradinha para saber se você já vendeu sua égua árabe albina e o potro. Tim faz dez anos hoje, e prometi que se comprasse a égua, êle poderia ter o potro como presente de aniversário," disse, empurrando o chapéu de abas largas para a nuca. O tempo em Idaho estava quente para o primeiro dia de maio.

"Não, não os vendi ainda. Estão no curral atrás do estábulo," disse Jim Clark ao mostrar-lhes o agradável caminho.

Quando a égua os viu aproximarem-se, relinchou baixinho e trotou em direção do potrinho que jazia no chão. Jim Clark ergueu a mão e chamou: "Vem, Lady, vem, Lady." A égua afocinhou seu potro e então veio à mão estendida de Jim.

"Ela é um belo animal," admitiu Tom Mason. "Está bem amansada?"

"Sim, dá muito boa sela, gentil como uma gatinha."

"É a primeira vez que vejo um puro sangue árabe albino. Ela tem a côr do creme, e com a crina e a cauda prateada fica muito bonita." E fitando o garôto: "Que acha dela, Tim?"

Os olhos azuis de Tim estavam brilhando na sua ansiosa face sardenta. "Oh, papai, ela é uma beleza, mas por que o potro não se levanta?"

Jim Clark pulou por cima da cêrca do curral e se aproximou do potro, seguido de perto pela égua.

"Durante o par de dias anteriores notei que êle não anda por aí como era de se esperar. Nasceu duas semanas antes da época e no dia em que nasceu tivemos aquela chuvarada fria. Estive fora o dia todo, e quando voltei para casa êle jazia no barro do pátio, tiritando de frio. Levei-o para o estábulo e coloquei-o sôbre um pouco de palha sêca e enxuguei-o, mas acho que apanhou resfriado nas juntas." Jim Clark empurrou as ancas do potro, no esfôrço de fazê-lo levantar. O potrinho estirou-se para a frente sôbre as suas longas e trêmulas pernas dianteiras, e ficou em pé, vacilante, sôbre as inseguras pernas trazeiras.

"Êle é de boa linhagem" continuou Jim Clark. "Seu pai é Golden Boy, o cavalo mestiço com sangue árabe de cinco andaduras que tem ganho o primeiro lugar na Feira do Condado nestes últimos cinco anos."

"Êle melhorará, papai." Tim havia subido por cima da cêrca e estava de joelhos, afagando o potrinho dourado. Êle fitava o pai, suplicando com os olhos.

"Gosto da égua; ela é um belo animal, mas não gosto da idéia de comprar um potro doente. Quanto você está pedindo pela égua e seu potro, Jim?"

"Se o potro estivesse bem eu poderia conseguir duzentos dólares. Entretanto, admito que há algo errado com êle; que tal cento e cinqüenta dólares?"

"Isto é mais do que eu havia pensado em pagar. Talvez seria melhor olharmos outros cavalos antes de decidir. Que acha, Tim?" Êle parou e colocou a mão no ombro do menino.

Tim levantou-se, limpando os joelhos. "Como quiser, papai, mas eu gosto mesmo é de Lady e do seu potro."

"Bem, Mason, seu garôto parece gostar dos animais. Vendo-os por cento e vinte e cinco dólares."

Tim relanceou os olhos sôbre o pai, e prendeu a respiração enquanto esperava pela resposta.

"Você tem certeza, Tim? Quer mesmo um potro doente como presente de aniversário?"

"Sim, papai, tenho certeza. Êle melhorará."

A alegria iluminou sua face quando o pai disse: "Muito bem, nós os levaremos."

"Acho que você terá de levar o potro na trazeira da camioneta. Emprestar-lhe-ei um cobertor para pôr embaixo dêle." Jim Clark enganchou os dedos no anel do cabresto, sob o focinho de Lady, e conduziu-a ao estábulo. Apanhou uma corda e a amarrou ao anel para que a égua pudesse seguir atrás da camioneta. Trouxe, então, uma pesada manta de cavalo e, dobrando-a, colocou-a na trazeira do veículo.

O pai de Tim deu marcha-à-ré encostando o carro na cêrca do curral e os dois homens ergueram o potrinho colocando-o sôbre o cobertor e fecharam a carroceria.

"Acho que Lady nos acompanhará sem qualquer dificuldade," disse Jim Clark, atando a corda atrás da camioneta.

"Espero que aprecie o seu potro, Tim" sorriu o Sr. Clark.

"Obrigado, Sr. Clark, certamente que o apreciarei." O sorriso de Tim abriu-se de orelha a orelha.

O pai de Tim tirou um cheque, estendeu-o ao Sr. Clark, e escorregou para trás do volante. Vagarosamente deixaram o pátio e dirigiram-se para casa.

Tim ficou espiando pela janela trazeira para ver se o potro estava bem. Por fim, pôde ver sua casa branca cercada de altas árvores, e a cêrca branca e as dependências vermelhas. O pai de Tim possuia uma das melhores fazendas do vale do rio Snake.

Viraram em direção aos fundos e pararam em frente do grande estábulo vermelho. Os irmãos mais velhos de Tim, Mark e Steve, vieram encontrá-los. Correndo e latindo ao lado dêles estava o cão da família, um "setter" inglês branco e prêto chamado Gyp.

"É esta a nova égua? Puxa, como é bonita! É até mais bonita que o meu Pingo!" disse Mark, de quinze anos de idade.

"Mamãe," chamou Steve, "papai e Tim já vieram com o nôvo cavalo!"

A mãe e a irmãzinha de Tim sairam da casa branca da fazenda. Todos admiravam a égua. Então, a mãe de Tim viu o potrinho.

"Que potrinho árabe mais bonitinho! É muito nôvo para acompanhar a égua?" perguntou ela.

"Não, Mary, há algo errado com suas pernas trazeiras. Jim Clark acha que êle pode ter apanhado resfriado nas juntas, mas Tim decidiu-se a tê-lo no seu aniversário."

"Êle vai ficar bom, mamãe," insistiu Tim ao aproximar-se do potrinho e acariciar seu focinho. "Vou chamá-lo Golden Boy, tal como o seu pai. Talvez êle venha a crescer para ganhar prêmios na feira. Vou treiná-lo para ser um cavalo de cinco andaduras também." Tim abraçou o pescoço do potrinho e murmurou na orelha dêle: "Você vai melhorar, Golden Boy."

"Rapazes, já é tempo de pegarmos no trabalho. Mark, ajude-me a carregar o potro para o curral. Tim, você pode trazer Lady." O pai de Tim abaixou a parte trazeira da camioneta para apanhar o potro.

Várias noites depois, quando a família estava sentada à mesa para o jantar, o pai de Tim disse: "O potro está perdendo pêso. Temo que não consiga levantar-se o suficiente para mamar na égua."

O mêdo correu pelo corpo de Tim, transformando-se num sentimento de aflição e desamparo. / *Continua.*

(continuação da pág. 23)

Cena III: Férias de fim de ano.

Bruno: Olá Geraldo, o que está fazendo?

Geraldo: Olá, venha me ajudar. Papai disse que quando eu terminar de arrancar estas ervas daninhas êle me levará para nadar. Que tal arrancar algumas? Aposto que papai o levará também!

Bruno: Tá, combinado.

Geraldo: (ainda arrancando as ervas) Aonde você passará as férias, Bruno?

Bruno: Oh, não vamos a lugar nenhum. Meu pai disse que não podemos, por causa das despesas.

Geraldo: Que pena! Nós vamos à praia. Acho que não teríamos o suficiente para as despesas também, se não economizássemos desde o ano passado e isso contribuiu para que a viagem se realizasse. Mamãe diz que quando todos trabalham juntos, coisas maravilhosas acontecem. Temos feito grandes viagens desta maneira. Eu mal posso esperar para ir à praia.

Bruno: Puxa, que legal! Como é que vocês ganham dinheiro?

Geraldo: Meus dois irmãos mais velhos têm um emprêgo de meio-período e minha irmã ajuda uma vizinha a passar roupa. Eu tenho uma lista de coisas para fazer, e como você sabe, trabalho de vez em quando na mercearia. Durante o verão eu cuido do gramado de casa e faço serviços de quintal para a vizinhança. Minha irmã menor serve o almôço para nós e ganha algum dinheiro fazendo isso.

Bruno: Você tem que dar todo o dinheiro para os projetos da família, ou fica com algum para gastar?

Geraldo: Ah, tenho algum para gastar. Papai ajudou-me a preparar um orçamento e sempre reservo dez por cento do que ganho para o dízimo da Igreja.

Cena IV: Março; primeiro dia de aula.

Bruno: Geraldo, que legal você ter sido escolhido como o chefe da classe.

Geraldo: Obrigado, eu farei o melhor que puder, Como vão as coisas?

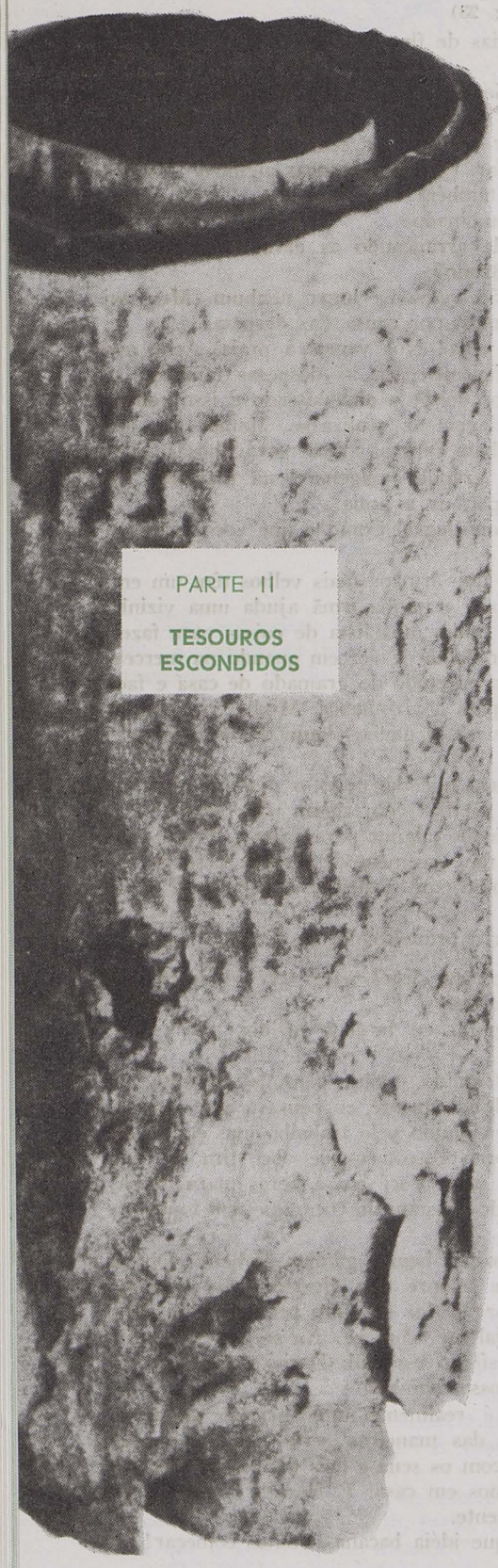
Bruno: Sabe, Geraldo, tenho pensado bastante em você ùltimamente. Honestamente, eu pensava que você era o camarada mais perseguido pelo trabalho que eu jamais conhecera. Mas agora posso ver que você tira da vida tudo aquilo que põe nela. Você passa horas maravilhosas com sua família. Todos gostam de você, que tem inúmeros amigos.

Sabe como trabalhar bem e ganhar dinheiro. Obtém as melhores notas e sempre tem divertimentos e coisas interessantes para fazer. Mas eu sinto pena de mim mesmo. Nada de especial me acontece. Eu sei que é porque não faço nenhum esfôrço especial. Daria tudo para ser como você. Como posso fazê-lo?

Geraldo: Esta é realmente uma grande pergunta, Bruno. Talvez uma das maneiras seria fazer com que meus pais falassem com os seus e lhes dissessem algumas das coisas que fazemos em casa. E êles diriam aos seus pais como você se sente.

Bruno: Puxa, que idéia bacana. Vamos começar!

FIM



PARTE II

TESOUROS ESCONDIDOS

A PARTIR DE CUMORAH

Hugh Nibley
professor de História e Religião
na Universidade de Brigham Young

"...DEPOIS DE TRANSMITIDAS PELA MÃO DOS D

A Busca das Escrituras Originais

Um aspecto proeminente dos escritos cristãos, recentemente descobertos, bem como dos primitivos apócrifos em geral, é a freqüente insistência dêles no sigilo. Atualmente, os antropólogos estão se tornando cada vez mais cônscios de que a supressão deliberada de informações dos povos nativos entre os quais realizam o seu trabalho, é muito mais geral, mais extensa e mais importante do que têm admitido até hoje. Como demonstra um estudo recente, existem duas espécies de reticências: "tôda uma quantidade de material era secreta no sentido de que deveria ser conservada fora dos olhos dos estranhos... dos não-aborígenes. Havia, também, informações secretas que deveriam ser conservadas longe dos olhos dos leigos... refiro-me aos primeiros, como cultura dissimulada."[1]

Os missionários santos dos últimos dias que trabalham entre os povos nativos têm notado de há muito a existência, entre êles, de ambos os tipos de segredos genuínos, isto é: coisas sagradas demais para serem mencionadas fora de um determinado lugar, tempo ou ocasião religiosa; e, por outro lado, uma extensiva simulação diária para manter os forasteiros não preparados, afastados das coisas que não compreenderiam ou apreciariam. Ambos os tipos de reticências são evidentes nas literaturas judaica e cristã. Nos Manuscritos do Mar Morto, o povo da comunidade é instruído a não discutir sua doutrina com o "povo do abismo", isto é, o mundo exterior;[2] mas, além disso, são mantidos sob específico juramento de sigilo a respeito de determinadas coisas.[3]

Quando Jesus instruiu Pedro, Tiago e João a não contarem o que haviam visto no monte da transfiguração, estava negando coisas sagradas aos não iniciados;[4] quando, por outro lado, desviava perguntas embaraçosas dos fariseus fazendo-lhes outras perguntas e depois dizendo-lhes que, se não pudessem responder suas perguntas não responderia também às dêles, estava simplesmente esquivando-se dêles.[5] Nos "Reconhecimentos Clementinos," quando Pedro recusa-se a falar a Clemente a respeito da salvação para os mortos, enquanto Clemente não recebesse certas ordenanças, estava-lhe negando ensinos se-

cretos,[6] mas quando recusava discutir a natureza de Deus com Simão, o Mago, êle explica que está deliberadamente esquivando-se do homem, porque não tinha realmente desejo de aprender a respeito de Deus, mas queria apenas causar confusão.[7]

Recentemente, o Professor Goodenough, de Yale, depois de longos anos de pesquisa nos mais antigos remanescentes arqueológicos do judaismo, foi capaz de demonstrar a existência através dos séculos, não de apenas um, mas de dois tipos diferentes de judaismo, um dêles seguindo o que êle denominou de "curso horizontal" e o outro, o "curso vertical".[8] O primeiro tipo, muitas vêzes denominado rabínico, halácico, normativo ou talmúdico, é o único judaismo històricamente conhecido hoje. Isso acontece porque seus representantes durante os anos de luta haviam eliminado seus rivais ou haviam sido forçados a esconder-se. "A vitória final do judaismo rabínico sôbre seus rivais místicos," "escreve Goodenough," torna difícil convencer os judeus modernos da realidade da tradição mística judaica."[9]

O velho judaismo submerso é também chamado hasídico, cabalístico, *ma'asimic* e caraítico, mas nenhum dêsses têrmos é satisfatório, desde que cada um designa apenas algum particular movimento secreto do judaismo. Procurando um têrmo geral, Goodenough refere-se à tradição *vertical* (isto é a que procura contato direto com o céu e não apenas contato histórico) e usa cautelosamente o têrmo *místico* para descrevê-la. Não é de surpreender que, para sobreviverem, os "últimos mestres dessa tradição desenvolveram um 'ensinamento secreto' (Não me atrevo a falar em mistério)... caracterizado por uma sucessão de céus, tronos de triunfos, ceias benditas com o Messias..."[10] Esta rápida visão preliminar deveria ser suficiente para indicar que o que todos os judeus "verticais" tinham em comum era o sigilo e a ênfase nos ensinamentos proféticos messiânicos — ensinamentos que os doutôres das escolas ("tradição horizontal") detestavam e combatiam com todo o vigor.

Do mesmo modo que Goodenough distingue duas tradições judaicas, com base em descobertas arqueológicas recentes, também H. J. Schoeps, com base em manuscritos recentemente descobertos, distingue dois níveis semelhantes de cristianismo e vai além sugerindo mesmo que o velho cristianismo original teria sido realmente suprimido pelo tipo ulterior,[11] que era de orientação intelectualista e fortemente oposto à tradição messiânica-milenialística.[12] A semelhança entre as escolas correspondentes de pensamento judaico e cristão não é acidental.

Os doutôres cristãos tiraram sua doutrina e filosofia da mesma fonte alexandrina, da qual os doutôres judaicos tiraram a sua, sendo que ambos se dedicaram à interpretação alegórica das escrituras e à proposição básica de que a revelação e a profecia haviam cessado para sempre. Os estudiosos têm ciência, há muito tempo, de que o primitivo cristianismo era uma continuação da velha tradição "vertical" judaica, da qual herdaram os escritos apócrifos, tão menosprezados pelos doutôres judeus e cristãos.[13]

"O farisaismo legalístico," escreveu R. H. Charles muitos anos atrás, "em tempo, livrou-se quase totalmente do apocalíptico, isto é, do elemento profético... e tornou-se o pai do judaismo talmúdico," e por isso o judaismo tornou-se "quase inteiramente despojado da parte apocalíptica que se havia transferido para o cristianismo."[14] Foi por causa de representar aquela outra tradição, como demonstrou o Professor Torrey, que o cristianismo primitivo foi tão intensamente impopular entre os escribas e fariseus. Tudo, nos ensinamentos cristãos sugeria, em suas mentes, o velho judaismo messiânico vertical. Justino, o Mártir, insiste em chamar repetidamente a atenção do suscetível judeu Trypho para essa identidade.

"Se tivéssemos apenas a tradição dos próprios judeus," assegura Goodenough "dificilmente suspeitaríamos da existência da literatura apócrifa e pseudepígrafa, pois essas, repito, sobreviveram sòmente graças aos copistas cristãos."[15] Mas êsses escritos, que os doutôres judeus rejeitaram e os primitivos cristãos aceitaram, foram com o tempo, rejeitados também pelos doutôres cristãos,[16] e assim se perderam, tanto para o mundo cristão quanto para o judeu; sendo sua existência até mesmo negada pelo judaismo e pelo cristianismo "oficial" e desapareceram de vista até sua redescoberta, em nossos dias.

O reconhecimento da natureza "clandestina" do judaismo vertical, bem como do cristianismo judaico, supre o estudioso com valiosas pistas para a compreensão do verdadeiro "pano de fundo" da Bíblia, sôbre o qual começamos a pensar, mais do que nunca, em têrmos de tesouros ocultos. Consideremos apenas a natureza ilusiva da Bíblia, através das idades: por que tem sido sempre objeto de desacordos, como Sto. Agostinho nota, com pesar, mesmo entre os homens mais piedosos, devotos e sábios? Se tais homens não conseguem concordar, observou Orígenes no século III, os menos importantes como nós, nunca poderão estar completamente seguros do significado da Bíblia.[17] Se quisermos nos aproximar da certeza, o primeiro passo a ser dado é fazer a pergunta considerada a mais absorvente pela erudição bíblica atual, a saber: Qual a forma original em que a mensagem foi apresentada? Com que se pareciam os testamentos originais?

Nos dias de Joseph Smith, admitia-se, geralmente, que o Velho Testamento tinha sido sempre um livro só, escrito sem erros, pelo próprio dedo de Deus. Cem anos mais tarde, no apogeu do criticismo, havia-se tornado num conjunto de retalhos e remendos; mas, em nossos dias, a unidade essencial dos escritos está sendo novamente reconhecida, embora o retrato completo do estado original dos registros esteja apenas começando a tomar forma; o quadro que começa a surgir é notadamente semelhante ao que confrontamos nas páginas do Livro de Mórmon. Ali, Nefi, olhando longe no futuro, tem uma visão dos gentios trazendo um "livro" aos descendentes remotos de seu pai, no Nôvo Mundo e ouve: "O livro que vês é um registro dos judeus e contém os convênios do Senhor, feitos com a

...OS DOZE APÓSTOLOS DO CORDEIRO, DOS JUDEUS AOS GENTIOS..."

(I NEFI 13:26)

Casa de Israel; e... também... muitas das profecias dos santos profetas..." (I Nefi 13:23)

Êsse é o nosso Velho Testamento, mas tal livro era totalmente estranho a Nefi e o anjo explica que... "é um relato igual às gravações que estão sôbre as placas de latão, apesar de menos em número; não obstante, contém os convênios do Senhor... com a Casa de Israel; — sendo, portanto, de grande valor para os gentios" (Idem, idem)

As únicas escrituras que Nefi conhecia eram uma coleção de escritos, por certo mais extensos do que aquêles contidos em nosso Velho Testamento, mas não conflitantes com êle.

Quando Lehi examinou as placas que seus filhos haviam trazido de Jerusalém, descobriu que continham: 1) "... os cinco livros de Moisés..." 2) "as profecias dos santos profetas, desde o princípio até o começo do reinado de Zedequias..." 3) "e também um registro dos judeus, desde o princípio..." incluindo uma genealogia da linhagem tôda de José, abrangendo os ascendentes de Lehi. (Idem, 5:11-14) Êsses escritos recebem na moderna terminologia judaica o nome de Tanach, isto é: a Torá, os profetas, os livros históricos e outros.

São êles os elementos da Bíblia de Nefi e da nossa a qual, êle nos assegura, contém registros mais autênticos e "muitas das profecias dos santos profetas," mas seguramente não tôdas. Como vimos, os eruditos judaicos de hoje insistem enfàticamente em dizer que os primitivos judeus não faziam distinção entre escritos canônicos e não-canônicos, isto é, as escrituras dos dias de Nefi englobavam sem dúvida muito mais material do que aquêle hoje reconhecido como canônico e incluído em nosso Velho Testamento. Para compensar a perturbadora compreensão das supressões do Velho Testamento, temos a reconfortante certeza, nos Manuscritos do Mar Morto, de que os textos do nosso Velho Testamento são mais velhos e mais valiosos do que qualquer pessoa ousou esperar que, por exemplo, "o texto de Isaías, preservado na Massora (nosso Velho Testamento), baseou-se em textos extremamente antigos, o qual é quase idêntico em nossa Bíblia e no manuscrito de Qunram, mil anos mais velho."[18] Nefi está certo; o registro é realmente verdadeiro e "de grande valor," embora esteja longe de estar completo.

Quase no fim do livro, Nefi cita por extenso dois capítulos de Isaías: 48 e 49. Isso seria, sem dúvida, uma ousadia, para um forjador — incluir páginas inteiras da Bíblia num trabalho destinado a lograr o público leitor da Bíblia. Ainda mais, a linguagem é, sem nenhuma intenção de disfarçar, a mesma da versão do Rei Tiago. Se o autor do Livro de Mórmon era um impostor, suas tentativas de enganar eram prodigiosamente inábeis. Não pretende o Livro de Mórmon ser uma tradução original? Porque copia simplesmente a versão do Rei Tiago? Exatamente pela boa razão que mostramos em outro lugar,[19] de que tem sido um costume constante entre os profetas inspirados, o de criar escrituras antigas, não em alguma versão arcaica desconhecida mas sempre na linguagem bíblica corrente entre seus ouvintes.

Quando os apóstolos, o Anjo Gabriel e o próprio Senhor citam os antigos profetas no Nôvo Testamento, é geralmente o texto da Septuaginta o citado. Por que? Por que era essa a linguagem original dos profetas ou dos anjos? Não, mas porque era a escritura oficial das pessoas a quem se dirigiam. O Senhor não fala às pessoas na linguagem dos céus, em proto-hebraico ou na língua de Adão e sim "... conforme a maneira de sua linguagem, para que alcançassem compreensão." (D&C 1:24) O Livro de Mórmon em inglês, quando cita a Bíblia, segue a versão do Rei Tiago sempre que possível, porque essa era a versão das escrituras conhecidas pelo povo para o qual o Livro de Mórmon foi traduzido. Em resumo, como nos tempos primitivos, hoje também as pessoas são instruídas com *o uso de sua própria Bíblia.*

Entretanto, o Livro de Mórmon segue a linguagem da versão do Rei Tiago, apenas até onde esta última acompanhe o sentido correto do original. Assim, longe está a tradução que Nefi fêz de Isaías, de ser uma repetição da nossa Bíblia; dificilmente encontramos um versículo idêntico nas duas traduções.

Supondo que Nefi estivesse lendo um texto de Isaías de mais ou menos cem anos, certamente esperaríamos encontrar alguma discrepância entre êle e os manuscritos existentes. Mas como se diferenciariam? Um forjador estaria em perigo aqui, e a gente examina esta demonstração do Livro de Mórmon com interêsse considerável.

Se sublinharmos em vermelho cada palavra no Livro de Mórmon do texto 48 e 49 de Isaías, que não é encontrada na Bíblia do Rei Tiago e vice-versa, conseguiremos um supreendente colorido, especialmente no Livro de Mórmon. A maioria das diferenças são pequenas como, por exemplo, um nôvo: "eis que", "sim", "contudo", etc., mas existem quatro passagens que ficam quase totalmente em vermelho. São elas 48:1, 14 e 49:1,13. Agora, um dos resultados importantes das recentes investigações dos Manuscritos do Mar Morto é o reconhecimento de que o texto da Septuaginta (a versão grega do Velho Testamento, feita no século III a.C.), abre as portas a textos valiosos e muito antigos do VT, que diferem acentuadamente do texto massorético sôbre o qual a versão do Rei Tiago está baseada.[20] Infelizmente, ocorre que tanto o texto de Isaías, do Mar Morto, (Caverna n.º 1), quanto o texto correspondente da Septuaginta, são artigos inferiores, sendo o primeiro "antes um anticlímax" para as esperanças dos eruditos, classificando-se por sua vez o último entre os [textos] mais pobres da Bíblia grega."[21]

Entretanto, embora não encontremos os nítidos contrastes que tanto agradam ao estudante que compara outros livros do Velho Testamento, nas versões de Qunram, na Septuaginta e no texto massorético o caso está longe de ser sem esperanças, pois encontramos significativas variações, quando comparamos os capítulos 48 e 49 de Isaías, da versão do Rei Tiago (massorética) e a Septuaginta. Novamente comparamos as

"...POR CAUSA DESTAS COISAS QUE FORAM SUPRIMIDAS D

marcações em vermelho e, mais uma vez, apenas quatro passagens se destacam, a saber: 48:1,14 e 49:1,13, as mesmas passagens em que o Livro de Mórmon entra em conflito com o Rei Tiago! Sem dúvida, um estudioso bastante astuto e completo, mesmo há cem anos atrás poderia descobrir as discrepâncias, uma vez que ambos os textos existiam na época, e depois explorá-los. Contudo, não houve exploração. Além do fato de que uma pessoa tão inteligente em primeiro lugar não correria o risco de competir com a Bíblia, precisamos de reconhecer que a coincidência nunca foi comentada ou sequer notada por alguém. Ademais, nesses quatro versículos, o Livro de Mórmon não segue nem o Rei Tiago nem a Septuaginta. Isso também é significativo, uma vez que ambos os manuscritos estão muito distantes do original,[22] seus desacordos mostrando, não o que o original dizia, mas apenas que nesses versículos em particular, existe alguma coisa sèriamente errada.[23] Se a versão de Nefi (consulte I Nefi 20:21) fôr correta, deverá divergir de ambas as versões: Rei Tiago e Septuaginta e é isso que realmente ocorre. Vejamos, portanto, a comparação dessas interessantes versões:

Isaías 48:1

Versão do Rei Tiago (massorética):

"Ouvi vós isto, ó casa de Jacó, que sois chamados pelo nome de Israel e tendes saído das águas de Judá, que jurais pelo nome do Senhor e fazeis menção do Deus de Israel, mas não em verdade, nem em retidão."

Septuaginta:

"Ouvi estas coisas, casa de Jacó, os quais sois chamados pelo nome de Israel e que saístes de Judá, que jurais pelo nome de [o] Senhor Deus de Israel não [o] lembrando nem em verdade, nem em justiça."

Livro de Mórmon:

"Escutai e ouvi isto, ó Casa de Jacó, que sois chamados pelo nome de Israel e tendes saído das águas de Judá ou das águas do batismo, que jurais pelo nome do Senhor e fazeis menção do Deus de Israel, contudo, êles não juram em verdade nem em retidão."(*)

Isaías 48:14

Rei Tiago:

"Todos vós ajuntai-vos e ouví: Quem, dentre êles, tem anunciado estas coisas? O Senhor o tem amado; êle fará o que lhe agrada sôbre Babilônia e seu braço será sôbre os caldeus."

Septuaginta:

"E êles serão todos reunidos e ouvirão. Quem anunciou-lhes estas coisas? Amando-vos, eu tenho feito o que desejais com respeito à Babilônia, para o arrancamento da semente dos caldeus."

Livro de Mórmon:

"Todos vós ajuntai-vos e ouví: Quem, dentre êles, lhes declarou estas coisas? O Senhor o tem amado; sim, e cumprirá sua palavra que por êles declarou; e êle fará o que lhe agrada sôbre Babilônia e seu braço será sôbre os caldeus."(*)

Isaías 49:1

Rei Tiago:

"Ouvi-me, ó ilhas e escutai vós, povos de longe: O Senhor me tem chamado desde o ventre, desde as entranhas de minha mãe tem êle feito menção de meu nome."

Septuaginta:

"Ouvi, vós, ilhas e dai atenção nações (ou gentios) 'por um longo tempo permanecerá êle,' diz o Senhor. Desde o ventre de minha mãe (ou a partir de quando nasci) êle chamou meu nome."

Livro de Mórmon:

"E outra vez: Escutai, ó vós da Casa de Israel, todos vós que sois quebrados e separados, por causa da maldade dos pastôres de meu povo; sim, todos vós que sois quebrados, que estais espalhados no estrangeiro, que sois de meu povo, ó casa de Israel. Ouvi-me, ó ilhas" ... (o restante é idêntico à versão do Rei Tiago).(*)

Isaías 49:13

Rei Tiago:

"Cantai, ó céus e alegrai-vos, ó terra e rompei em cânticos, ó montanhas: porque o Senhor tem confortado o seu povo e terá misericórdia dos seus aflitos."

Septuaginta:

"Rejubilai [ó] céus, e celebrai, ó terra, que as montanhas rompam em exaltação e as colinas em retidão; porque Deus tem tido misericórdia de seu povo e os humildes de seu povo, tem êle perdoado."

Livro de Mórmon:

"Cantai, ó céus e alegrai-vos ó terra, pois os pés daqueles que estão no leste serão estabelecidos; e rompei em cânticos, ó montanhas, pois êles não serão mais feridos; porque o Senhor tem confortado o seu povo e terá misericórdia dos seus aflitos."(*)

(*) Nota da Redação:

A fim de acentuar as divergências existentes, fizemos a tradução direta do original inglês, em lugar de seguir a tradução do Livro de Mórmon já existente em português. / *Continua.*

NOTAS

1. R. Hausfeld, in *Mankind*, 6(novembro de 1963) pág. 50.
2. IQS (Manuscritos de Serekh), IX, 21-22.
3. Ibid., IV. 5-6; VIII. 11-12.
4. Mat. 17:9; Marc. 9:9; Luc. 9:36.
5. Marcos 11:33.
6. *Reconhecimentos Clementinos*, I, 52.
7. Ibid. II. 4.
8. E. R. Goodenough, *Jewish Symbols in the Greco-Roman Period* (N. Y.: Bollingen Foundation, 1953), I, 18-19.
9. Ibid., pág. 21.
10. Ibid., pág. 19.
11. H. J. Schoeps, in W. D. Davies e D. Daube (eds.) *The Background of the New Testament and its Eschatology* (Cambridge, 1956) pág. 123.
12. H. Nibley, in *Jewish Quartely Review*, 50(1959) pág. 99.
13. C. C. Torrey, *The Apocryphal Literature* (Londres: H. Milford, 1945) pág. 14.
14. R. H. Charles *Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament* (Oxford, 1913) I, vii.
15. Goodenough, op. cit. pág. 9.
16. H. Nibley, in *Church History*, 30(1961) pág. 12.
17. Orígenes, *contra Celsum*, in Migne, *Patrologia Graeca*, XI, 933.
18. F. M. Cross Jr., *The Ancient Library of Qumran and Modern Biblical Studies* (NY: Doubleday, 1958) pág. 132.
19. *The Church News*, 29 de julho de 1961, pág. 10.
20. Cross, op. cit. pág. 128-144, discute o assunto em profundidade.
21. Ibid., pág. 132.
22. Ibid., pág. 135.
23. "a questão de qual testemunha é superior é outro problema," Ibid., pág. 133.

AS DO EVANGELHO DO CORDEIRO GRANDE NÚMERO TROPECA..."

I NEFI 13:29

FANTOCHES

Daryl V. Hoole

Muito freqüentemente, quando ensinamos, queremos manter a atenção da criança. Gostaria de recomendar-lhes algo para atrair sua atenção. Sim, são os fantoches! As crianças ficam fascinadas com os movimentos dos fantoches, elas os acham impressionantes e memoráveis e mesmo os adolescentes e adultos ficam encantados com êles. Qualquer coisa que um fantoche diz é bem mais eloqüente do que os ensinamentos ministrados pelos pais. A influência de terceiros simplesmente não pode ser subestimada. Por isso, os fantoches tomaram a posição dos maiores professôres de todos os tempos e freqüentemente transformam-se na colher de açúcar necessária para ajudar a descer o remédio!

Os fantoches podem ser feitos fàcilmente. Saquinhos de papel ou meias (pintando-se um rosto), colocadas sôbre a mão são os mais simples. Cabeças feitas de batata, papel mascado ou bolas de resina os tornam especiais. Também se pode adquirir cabeças de boneca por um preço bem barato nas lojas e bazares. Pode-se fazer fantoches bem engraçados quando êsses rostos são costurados nas cabeças de pano, sendo acrescidos de chapéus vistosos.

Um fantoche mais profissional pode ser adquirido em lojas comerciais. Não é necessário muita perícia para lidar com êles — algumas de nossas melhores lições com fantoches foram dadas por crianças, que contavam suas próprias histórias. Se os dedos de uma criança forem muito curtos para manipular o fantoche, coloque no interior do mesmo o cabo de uma colher.

Tudo o que se deve lembrar é que o fantoche que está falando balança a cabeça e mexe os braços. Os outros fantoches devem ficar sem movimentos até que tornem a falar. Uma caixa de papelão decorada pelas crianças pode dar um belo palco. As demonstrações de fantoches podem ser eficientes aparecendo por trás de uma cadeira de braço ou sofá.

Quase tôda história pode ser adaptada aos fantoches, desenvolvendo-se um diálogo simples. Será estimulante e satisfatório para os pais criarem algumas histórias de fantoches para proverem as necessidades de ensino de seus filhos. As crianças adoram dar "aula de fantoche" às outras crianças e às suas bonecas e os sermões que elas dão são extraordinários! A seguir publicamos uma històrinha que poderá ser apresentada pela família em um programa da Noite Familiar. Achamos que será valiosa não só para as crianças, mas para tôda a família porque, afinal de contas, se um fantoche o disse, assim deve ser!

Cena 1: Sábado de manhã.

Bruno: Oi, Geraldo, onde você vai com tanta pressa?

Geraldo: Alô, Bruno. O *seu* Estevão da venda telefonou agora mesmo. Êle precisa de ajuda hoje e perguntou se eu queria ir trabalhar para êle.

Bruno: Então é por causa disso que você está tão entusiasmado? Puxa, quem é que gosta de passar um sábado trabalhando na mercearia? Sou feliz por que ninguém me chama para trabalhar.

Geraldo: Eu gosto de trabalhar. Preciso ganhar mais cinco contos para completar o preço da bicicleta que quero comprar. Além disso, da última vez que trabalhei para o *seu* Estevão êle disse que eu havia feito o trabalho tão bem que resolveu me dar mais quinhentos cruzeiros extras por dia. Não posso perder uma oportunidade destas. Por falar nisso, o que é que você vai fazer hoje?

Bruno: Quem, eu? Oh, não sei. Simplesmente vou andar de bicicleta por aí até achar algo para fazer.

Geraldo: Está bem; até mais tarde. Ah! Espera um pouco. Nós vamos fazer inscrição para as aulas de natação na semana que vem. Por que não vem conosco? Você já pode ter lições do curso adiantado, não é?

Bruno: Acho que sim, mas não vejo porque devo continuar as lições. Já sei me mexer o suficiente na água para não me afogar. Além disso, quando está fazendo calor não sinto vontade de fazer nada. Divirta-se na mercearia, ha, ha! Até logo.

Cena: II Outra semana.

Geraldo: O que há, Bruno, você está triste?

Bruno: Oh, estou bem. É êste boletim que me deixa desanimado.

Geraldo: Notas baixas?

Bruno: Sim, e além disso tive várias observações ruins quanto ao meu comportamento. Gostaria de saber o que aquela professôra pensa que é. Ela diz que não uso bem o meu tempo e que minhas lições não são tão boas quanto deveriam ser. O que ela quer que eu faça? Ela persegue você também, Geraldo?

Geraldo: Ora, Bruno, você não deveria pensar que isto é perseguição. Nós temos aquilo que merecemos.

Bruno: Você diz isso só porque teve nota alta em tudo.

Geraldo: Sim, eu realmente tive notas altas, mas dei duro para conseguí-las.

Bruno: Tenho que admitir que dá duro mesmo, mas parece ser tão fácil para você!

Geraldo: Acho que é porque estou acostumado. Minha mãe me faz trabalhar desde que eu me entendo por gente. Tôda manhã ela me dá uma lista de coisas para fazer e faz-me trabalhar até que tudo saia certo. Ela tem esperança em mim e quer que eu trabalhe o melhor que possa.

Bruno: Ufa! Que vida! Não faço nada em casa a não ser assistir televisão. Minha mãe sempre diz que eu devo arrumar o quarto, mas sòmente fala e eu não me preocupo muito. Ah, na semana passada eu tentei lavar o carro, mas quando terminei meu pai disse que estava mais sujo do que antes e que eu não devia mais fazer aquêle serviço.

Geraldo: Puxa, se fôsse lá em casa meu pai teria insistido comigo até eu aprender a deixar o carro brilhando.

Bruno: O que é que seus pais pais querem fazer de você? Nunca tem tempo e liberdade para brincar?

Geraldo: É claro que sim. Às vêzes reclamo de todo o serviço que me dão, mas é realmente surpreendente ver quantas horas sobram depois que eu faço tudo.

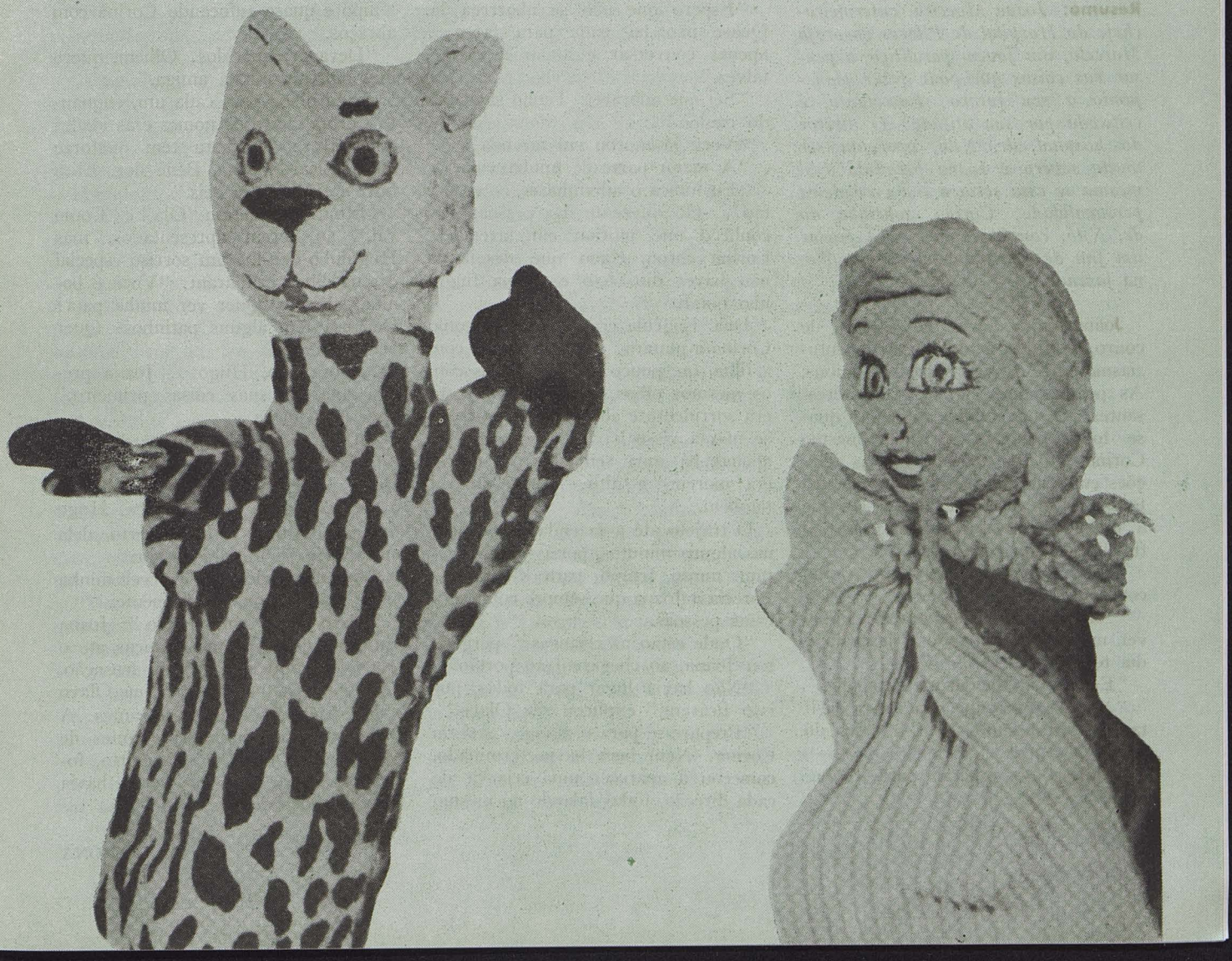
Tenho bastante tempo para o escotismo. Já acabei de fazer o meu décimo nono modêlo de aeroplano. Tenho uma coleção dêles em meu quarto. Sexta-feira à noite vou acampar com os meus irmãos mais velhos.

Realmente, eu me divirto bastante. Papai diz que os meus afazeres em casa e ao redor dela ajudam-me a ter tempo de sobra, pois êsses afazeres ensinam-me a melhor utilizar o tempo.

Bruno: Seus pais são bem severos. Os meus não se interessam pelo que eu faço e também acho que eu próprio não me interesso. Tudo o que êles fazem é castigar-me quando faço muito barulho ou tirar a minha temperatura quando estou muito quieto.

Geraldo: Está na hora da janta. Sinto muito quanto ao seu boletim. Chau!

(continua na pág. 17)



Página Feminina

CORAÇÃO FECHADO

Capítulo IV

Shirley Thulin

Resumo: *Joana Moreira, enfermeira-chefe do Hospital de Pilares encoraja Marcelo, um jovem paralítico, a pensar nas coisas que pode fazer planejando o seu futuro. Entretanto, é criticada por sua atitude. O diretor do hospital, dr. Nilo, aparenta ser muito severo e Joana pergunta a si mesma se essa seria a sua verdadeira personalidade. Corina, sobrinha do dr. Nilo, convida Joana para passar um fim de semana com sua família, na fazenda.*

Joana acomodou-se no assento de couro, sentindo a atmosfera de entusiasmo entre os passageiros do ônibus. As pessoas que viajam são interessantes, pensou. Olhou ao redor; quase todos estavam sorrindo, mesmo Corina, embora soubesse que as relações entre as duas estavam um pouco tensas e bem diferentes do dia em que a outra a convidara para passar o fim de semana com ela.

"Seus pais já sabem que venho com você?"

"Sim. Telefonei-lhes ontem. Posso ver mamãe; cozinhando e lavando o dia todo."

"Espero não lhe dar mais trabalho."

"Não se preocupe, ela adora visitas; é seu assunto para o resto do mês."

"Mal posso esperar para conhecê-la."

"Espero que não se aborreça lá. Quase não há nada para fazer... apenas conversar e andar a cavalo, talvez."

"Sei que adorarei. Tenho saudades do campo."

"Você já morou em fazenda?"

"A maior parte de minha vida."

"Eu nunca o adivinharia... você é tão... tão diferente das pessoas que conheço que moram em fazenda!" Corina corou, como que desejando não haver dito isso e Joana fingiu não notar.

Dna. Eugênia era exatamente como Corina a pintara. Muito parecida com a filha, um pouco mais alta, mas com os mesmos olhos escuros. Seu rosto era sorridente e abraçou Corina como se não a visse há meses, em vez de apenas há uma semana. *Seu* Olavo era moreno e alto. Muito amável também.

O trajeto até a fazenda durou apenas alguns minutos, por isso não tiveram muito tempo para conversar. Parecia a Joana que sempre conhecera essas pessoas.

"Onde estão as crianças?" perguntou Joana, ao chegarem ao portão.

"Não havia lugar para todos, por isso ficaram," explicou *seu* Olavo.

"Prepare-se para o ataque," avisou Corina. Nem bem havia terminado, começou a aparecer uma criança de cada direção, tôdas falando ao mesmo tempo e quase sufocando Corina com abraços.

"Devagar, queridos. Olhem, quero lhes mostrar minha amiga."

Joana olhou para cada um, enquanto Corina falava os nomes e as idades respectivas: "Bárbara tem quatorze anos, Ricardo doze, Benê dez, Elisa nove e Huguinho seis."

Os outros disseram "Olá" e "Como vai," ao serem apresentados, mas Huguinho deu-lhe um sorriso especial e seus olhos brilharam. "Você é bonita," disse. "Quer ver minha pata? Dengosa tem alguns patinhos. Quer ver?"

"Agora não, Hugo... Joana precisa guardar suas coisas primeiro," disse-lhe Corina.

"Além disso, é muito tarde e já está escurecendo," lembrou a mãe. E Joana percebeu que já era noitinha, o que não havia notado antes. Hugo tomou sua mão e ficou perto dela até a hora de ir para a cama.

"Amanhã cedo você vai ver minha pata?" perguntou ansiosamente.

"Claro que sim, Hugo." Joana viu-o seguir as outras crianças até o quarto e sentiu uma gostosa sensação.

A noite passou rápido; *Seu* Olavo e dna. Eugênia eram interessantes. A conversa estava animada e antes de mostrarem a Joana o seu quarto, foram para fora, para verificar se havia água nos bebedouros.

"Ricardo sempre se esquece de enchê-los," explicou dna. Eugênia, mas Corina riu.

"Ela queria apenas ter uma desculpa para mostrar-lhe as noites no campo," explicou *seu* Olavo.

"Estou feliz," disse Joana. E realmente estava. A noite estava tão calma e amena, que sentiu como se a estivesse abraçando. Quase havia esquecido como a lua era grande no campo. "É tão bonita," disse, debruçada sôbre o mourão da cêrca, sentindo a brise fresca soprar.

"Agora você sabe porque venho tôdas as semanas," comentou Corina. repentinamente.

Joana sentiu um calafrio. "Vamos para dentro?" pediu.

Mal acreditava em seus ouvidos. Acordou com uma vozinha dizendo: "Acorde, Joana, já é manhã e você disse que iria ver Dengosa. Abriu os olhos e mal pôde ver a silhueta de Huguinho.

"Huguinho... minha nossa... ainda é noite!" disse.

"Não, já é dia, veja." Abriu as venezianas, mas o quarto não ficou mais claro do que estava antes.

"Venha para a minha cama até que amanheça, depois iremos ver Dengosa. Além disso, os patinhos ainda estão dormindo e não querem ser acordados tão cedo."

Huguinho correu para a cama junto com ela e adormeceu logo. Mas Joana não dormiu mais. A proximidade da criança trouxe-lhe um contentamento que nunca sentira. Tudo estava calmo e pacífico. Não posso, pensou, não posso dizer a Corina que fique no hospital nem um fim de semana. A estratégia dera certo, pensou. Ela sabia que eu cederia se viesse para cá.

A visita a Dengosa estendeu-se até os outros animais da fazenda, acompanhada por tôdas as crianças, tudo antes do café da manhã. Quanta excitação! Joana cansou-se um pouco, mas adorou cada minuto. Ao chegarem em casa, estava faminta e devorou o pequeno almôço.

"Desenferrujou suas pernas?" perguntou *seu* Olavo.

"Bastante; diverti-me muito e já sei os nomes de todos os animais."

"Aposto que sim," riu Corina. "Aposto que você não quererá voltar aqui outra vez."

"Pelo contrário..." Joana olhou para Corina. "Eu a invejarei cada fim de semana."

Corina olhou para sua mãe, depois para Joana. "Cada fim de semana?"

"Quer dizer que ela pode vir todos os fins de semana, como antes?" Dna. Eugênia também estava olhando para Joana.

"Bem..." Joana sorriu. "É como Corina disse: se ninguém se importa, porque eu deveria me importar?"

"Oh, Joana..." A voz de Corina era doce e seus olhos disseram o que não conseguia falar.

O dia estava maravilhoso. *Seu* Olavo levantou-se, quando ouviu leves batidas na porta. Abriu-a e uma senhora idosa, pequenina, entrou. Usava chapéu, sôbre os cabelos brancos e Joana pôde adivinhar que ela só usava chapéu em ocasiões especiais.

"Olá, Adélia," saudou-a dna. Eugênia, indo em sua direção e abraçando-a. "Como êle está passando hoje?"

"Gênia, ... êle ... êle..."

"Sente-se, Adélia." *Seu* Olavo ofereceu-lhe uma cadeira. "Como vai Marcelo?"

"Êle não está tão bem como a semana passada... Êle... Eu não sei, mas algo aconteceu; quase não falou comigo. Oh, Gênia..."

"Corina olhou furtivamente para Joana.

"Dna. Adélia, esta é a srta. Moreira. Ela é enfermeira. Isto é, é a enfermeira-chefe em Pilares."

"Muito prazer em conhecê-la, dna. Adélia. Tenho trabalhado com Marcelo e sei que vai ficar bom."

"Ficar bom?" Dna. Adélia olhou para Corina e Joana. "Como pode dizer que êle vai ficar bom? Suas pernas... sabemos que êle nunca mais poderá andar."

"Está certo. Êle poderá perder o uso das pernas, mas ainda tem seus braços e mãos..."

"Braços?" Dna. Adélia levantou-se. "Como podem os braços ajudar, sem as pernas, numa fazenda?"

"Por favor, dna. Adélia. Tente compreender. Eu nasci numa fazenda. Sei que o trabalho é duro... mas creia-me, Marcelo poderá ajudar muito. Existem meios para isso. Êle poderá ir à escola e aprender a tomar conta dos negócios da fazenda..."

"Oh, Joana." Seus olhos estavam brilhantes. "Você não vê que ela está preocupada?"

"Não tenho intenção de preocupá-la mais. Eu me encorajaria, se tivesse um filho nas condições de Marcelo e alguém me dissesse..."

"Mas você não tem. Está apenas querendo adivinhar, mas está errada, Joana," disse-lhe Corina.

"Vamos, calma..." disse *seu* Olavo. "É verdade, existem coisas maravilhosas em nossos dias. E precisamos ter fé. Precisamos ter esperança."

"Você deve ser a enfermeira que Marcelo falou." Dna. Adélia olhou para Joana. "O dr. Décio e os outros são maravilhosos, mas você está fazendo muito mal a Marcelo."

"Não. Estou tentando fazê-lo pensar. Isso levará tempo, mas logo êle começará a não gostar de ficar no hospital o resto da vida..."

"A semana passada êle estava falando em vir para casa. Mas hoje êle disse que não quer mais." Dna. Adélia começou a chorar. "Êle não quer mais vir para casa e eu queria que ficasse perto de nós, para cuidarmos dêle... queria que êle ficasse conosco."

"Calma, Adélia," Dna. Eugênia abraçou-a. "Tudo vai se arranjar."

"Mas vai demorar. Os outros são pequenos ainda e eu preciso tanto de Marcelo... Desde que Lúcio..."

Joana saiu da sala. Se ao menos pudesse fazê-los ver, pensou. Foi até o côcho de água. Sentiu a noite novamente, mas era diferente da anterior. Não mais era amena e amigável. Mostrava milhares de dedos acusadores contra ela. Mesmo a lua parecia fazer carêta. Mas estou certa, pensou. Sei que estou.

"Joana." Era Corina, saindo da casa.

"Estou aqui," respondeu.

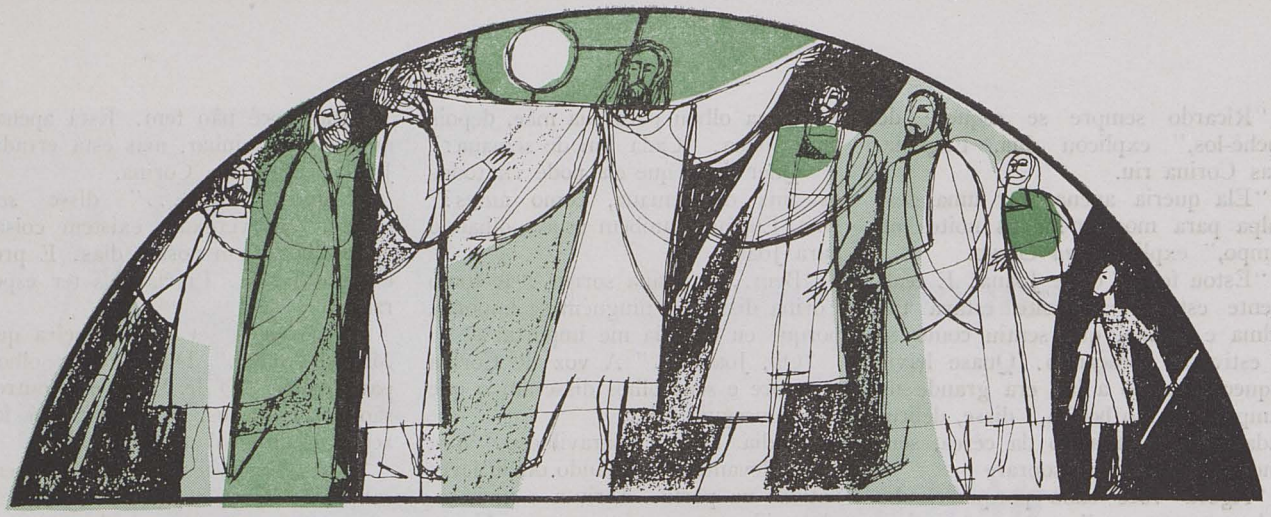
"Joana, tenho que falar com você."

"Não tente desencorajar-me a continuar ajudando Marcelo," disse, "porque estou tendo progressos com êle. Ainda não parece, Corina, mas realmente estou fazendo progressos."

"Não sei por quê sempre gostei de você, Joana. Mesmo quando chegou ao hospital e todos começaram a dizer que era antipática, eu a defendi. Mas agora, Joana, você precisa ter compaixão. Você tem que ter piedade. Os pacientes respondem a um coração simpático. Você tem... o que foi que Décio disse? Oh, sim; êle disse que você tem um coração fechado."

Joana sentiu-se atordoada, pensando: então é isso que êles pensam de mim; que sou má. "Corina, não sou muito mais velha que você, mas já

(continua na pág. 30)



ESCOLA DOMINICAL

IMORTALIDADE

Leonel Sá Maia

"Pois eis que esta é a minha obra e minha glória, conseguir a imortalidade e a vida eterna do homem." (*Moisés* 1:39).

A vida de nosso Senhor Jesus Cristo foi marcada por um grande número de acontecimentos que distinguiam seu poder, sendo assim um testemunho próprio do que afirmava, de que era o Filho do Homem.

Mas o princípio desta série de milagres vai suceder nas bodas de que Jesus participou com seus discípulos e familiares em Caná da Galiléia.

Nas bodas, antigamente, era costume se oferecer vinho fartamente para todos os convidados, porque era a maneira mais fina de se agradar aos participantes de uma festa; entretanto, durante a realização do casamento houve falta de vinho e a mãe, dirigindo-se a seu filho Jesus, disse:

"Não têm vinho. Disse-lhe Jesus: Mulher, que tenho eu contigo? ainda não é chegada a minha hora."

"Sua mãe disse aos serventes: Fazei tudo quanto êle vos disser."

"E estavam ali postas seis talhas de pedra, para as purificações dos judeus, e em cada uma cabiam dois ou três almudes."

"Disse-lhes Jesus: Enchei-as d'água. E encheram-nas até em cima."

"E disse-lhes: Tirai agora, e levai ao mestre-sala. E levaram." (João 2:3,8)

Depois desta ordem de Jesus Cristo, de levarem o que estava dentro das talhas ao mestre-sala, todos notaram que o Senhor havia processado uma transformação daquela água, em vinho de qualidade superior e o mestre-sala, a quem vai ser oferecido o primeiro copo, confirmará isto:

"E disse-lhe: Todo homem põe primeiro o vinho bom, e quando já têm bebido bem, então o inferior; mas tu guardaste até agora o bom vinho." (João 2:10)

Êste acontecimento foi um estímulo ao testemunho daqueles que acreditavam em Jesus Cristo e seus podêres e especialmente os discípulos vão sentir os efeitos desta primeira obra de Jesus no campo dos milagres.

"Jesus principiou assim, os seus sinais em Caná da Galiléia, e manifestou a sua glória; e seus discípulos creram nêle." (João 2:11)

A verdade é que Jesus Cristo possuia podêres suficientes para realizar tôda esta obra sòzinho, não necessitando do auxílio de sua mãe, dos serventes, ou do mestre-sala, mas o verdadeiro interêsse dêle está em ceder tôdas as oportunidades para os homens realizarem os seus trabalhos no que lhes fôr possível. Descobrir a falta de vinho, arrumar as bilhas, colocar água dentro delas e experimentar o vinho, Êle poderia fazer só, e tudo baseado em seus próprios podêres, no entanto, quando Maria veio lhe reclamar a falta de vinho, Jesus respondeu: "Ainda não é chegada a minha hora." Ela entendeu, tanto que logo procurou homens para realizarem os trabalhos que seu filho exigiria. Os responsáveis pela festa prepararam tudo, mas a transformação da água em vinho, sòmente Cristo pôde realizar naquele momento.

Esta foi uma demonstração clara e evidente de que tôdas as coisas que nos são possíveis de realizar, nosso Senhor não fará por nós. Cabe a nós agora realizar as obras mais simples e assim como o aprendizado do ABC prepara uma criança para ler grandes livros, a realização dêstes trabalhos simples nos transformará em homens

capazes de fazer grandes empreendimentos.

Nós podemos e devemos pedir a ajuda de nosso Pai Celeste, e receberemos um auxílio que nos tornará capazes de realizar um trabalho que depois de cumprido atingirá um objetivo. Se nós pedirmos o vinho do dinheiro, poderemos conseguir a água do emprêgo; se pedirmos o vinho da sabedoria, conseguiremos a água dos problemas; se pedirmos o vinho da espiritualidade, Êle nos dará a água das escrituras; se pedirmos o vinho da humildade, ganharemos a água de um ofensor contra nós.

Se não tivermos esta água, ou se não lutarmos para conseguí-la, nunca teremos a transformação em vinho feita por nosso Pai Celestial.

Desde antes da fundação do mundo, havia um plano organizado por Jesus Cristo que visava a edificação de um lugar especial para todos os espíritos, ou seja nós, os filhos do Senhor, habitarem. Nosso Pai Celestial desejava que seus filhos crescessem e se tornassem como Êle, com as mesmas experiências e as mesmas características e isto exigia que todos nós fôssemos colocados fora de sua presença, e Jesus Cristo foi o espírito escolhido para a organização de um local e de um plano que objetivasse o crescimento perfeito do homem.

"E o Senhor disse: A quem enviarei? E um respondeu semelhante ao Filho do Homem: Eis-me aqui, envia-me. E outro respondeu e disse: Eis-me aqui, envia-me. E o Senhor disse: Enviarei o primeiro." (Abraão 3:27)

"E Eu, o Senhor Deus, falei a Moisés, dizendo: Aquêle Satanás a quem expulsaste no nome de meu Unigênito, é o mesmo que existiu desde o princípio; e êle veio perante mim, dizendo: "Eis-me aqui, manda-me e serei teu filho e redimirei tôda a humanidade, de modo que nem uma só alma se perca, e sem dúvida o farei; portanto dá-me a tua honra."

"Mas eis que meu Filho Amado que foi meu Amado e meu Escolhido desde o Princípio, disse-me: Pai faça-se a tua vontade e seja tua a glória para sempre." (Moisés 4:1,2)

Encontra-se aí a explicação da escôlha de nosso Pai Celeste ao primeiro espírito (Cristo), e a rejeição ao segundo (Lúcifer). Estava em jôgo a ambição e o orgulho do segundo contra a humildade e a verdade do primeiro. Isto facilitou ao Pai para decidir qual seria seu ajudante em tôda a obra.

Através dêste plano, a Terra foi criada em sua perfeição e através dêste mesmo plano, Adão e Eva foram colocados aqui como primeiros homens e aqui puderam habitar como eternos companheiros.

De acôrdo com o plano, o Senhor estabeleceu duas leis para que Adão e Eva pudessem crescer ao cumprí-las. A primeira tratava da ordem sagrada do casamento e da organização de uma família numerosa.

"E Eu, Deus, os abençoei e disse-lhes: Frutificai e multiplicai-vos enchendo a terra e subjugando-a, e seja vosso o domínio sôbre todos os peixes do mar, sôbre as aves do céu e sôbre tôda coisa vivente sôbre a terra." (Moisés 2:28)

A segunda tratava sôbre a conservação do corpo perfeito e eterno que agora êles possuiam.

"Mas da árvore da ciência do bem e do mal não comerás. Não obstante poderás escolher segundo a tua vontade porque te é dado; mas recorda-te de que Eu o proibo, porque no dia em que dela comeres, por certo morrerás." (Moisés 3:17)

Satanás, ignorando os planos do Senhor, tentou a mulher no que lhe era mais fraco, ou seja na tendência de desrespeitar a segunda lei e lhe ofereceu o fruto proibido, prometendo que ela se tornaria igual ao Pai.

Eva enganada, comeu do fruto e naquele mesmo instante seu corpo sofreu uma transformação que já havia sido prevenida pelo Senhor. A participação de algo imperfeito tornou seu corpo imperfeito e mortal. Naquelas condições, Eva não mais poderia viver na presença de Deus e Adão entendeu que passara a existir uma diferença de condições entre sua espôsa e êle, e que dela seria separado, a não ser que também participasse do fruto. Desejando continuar a viver com sua espôsa, comeu do fruto e juntos, os dois, passaram a viver fora da presença do Senhor.

Esta queda trouxe ao homem um estado de imperfeição corporal, mas passou existir para êle um campo de realizações que deveriam ser conseguidas através de esfôrço, inteligência e conhecimento próprios e isto era um princípio de experiências e progresso.

"Pelo suor do teu rosto comerás o pão até que tornes à terra, pois certamente morrerás, pois dela fôste tirado, pois eras pó e em pó te tornarás." (Moisés 4:25)

O homem agora estava fora do seu estado de inocência e por haverem quebrado uma lei menor, a segunda, puderam cumprir uma lei maior, a primeira.

"E Eva, sua espôsa, ouviu tôdas estas coisas e se alegrou dizendo: Se não fôsse pela nossa transgressão, jamais teríamos tido semente, jamais teríamos conhecido o bem e o mal, nem a alegria de nossa redenção, nem a vida eterna, que Deus concede a todos os obedientes." (Moisés 5:11)

"Adão caiu para que os homens existissem; e os homens existem, para que tenham alegria." (2 Nefi 2:25)

O grande mandamento estava sendo cumprido, os homens podiam organizar suas famílias e lhes ensinar os princípios do evangelho e isto trouxe grande alegria aos filhos de Deus.

Nosso Pai Celestial queria, um dia, todos os seus filhos de volta a Êle, mas que êles voltassem como homens formados e realizados dentro da vida que lhes havia concedido; as coisas que o homem havia ganho do Pai, êle deveria possuir para que esta volta fôsse possível. Nossos primeiros pais ganharam um corpo perfeito e imortal quando passaram a habitar na Terra, mas perderam êste corpo ao quebrarem a segunda lei, comendo do fruto, ganhando, assim, a capacidade de morrer. Esta morte física ou temporal passou a ser característica de todos os seus filhos, de acôrdo com as leis da hereditariedade. Isto significava que nenhum homem poderia se levantar com um corpo perfeito e puro, pois esta condição ganhamos de nossos pais. A conseqüência desta morte seria uma separação eterna com nosso Pai, já que sem corpo não poderíamos voltar a Êle; sabemos disso porque desde que Adão e Eva tornaram-se mortais, ou seja sujeitos à perda do corpo, o Senhor os expulsou de sua presença; e depois da morte física, se vivermos só em espírito, estaremos sujeitos a Satanás, que também é só um espírito.

"Pois, se a carne não mais se levantar, nossos espíritos estarão à mercê daquele anjo que caiu da presença do Deus Eterno, e se tornou demônio, para não mais se levantar."

"E nossos espíritos devem ter-se tornado como êle, e nós nos tornamos demônios, anjos de um demônio, para

sermos afastados da presença de nosso Deus, permanecendo com o pai das mentiras, na miséria, como êle; sim, semelhantes àquele que enganou nossos primeiros pais, que se transformou em um anjo de luz e incita os filhos dos homens às combinações secretas de crimes e de tôda sorte de obras secretas e obscuras." (2 Nefi 9:8,9)

Passa a existir na vida da humanidade uma impossibilidade de voltar à presença de Deus e por mais que o homem queira ou deseje, êle não conseguirá, porque suas fôrças não são suficientes. E nisto vemos a realidade da queda do homem.

"Assim como a morte passou pelos homens, para que seja cumprido o plano misericordioso do grande Criador, deve também haver uma fôrça de ressurreição, e a ressurreição deve vir ao homem em razão de sua queda; e a queda vem em razão de seus pecados; e porque os homens caíram, foram afastados da presença do Senhor."

"Oh! Quão grande é a bondade de nosso Deus, que nos preparou um caminho para escaparmos das garras dêsse terrível monstro, sim, aquêle monstro, morte e inferno, que eu chamo de morte do corpo e também morte do espírito." (2 Nefi 9:6-10)

Esta incapacidade do homem se levantar por si só, trouxe o cumprimento de outra grande parte do plano: a necessidade de um redentor para a humanidade."

Cumprindo isto, o Pai enviou seu filho à Terra; aqui nasceu, aqui cresceu, aqui ensinou seu evangelho, realizou milagres, aqui foi morto, e aqui cumpriu sua grande missão, a de levantar a humanidade dando-lhe fôrças suficientes para retornar ao Pai. No terceiro dia após sua morte, seu corpo levantou-se da tumba num estado perfeito e glorificado, tornando real a ressurreição.

"Oh! Quão grande é a misericórdia de nosso Deus, o Santíssimo de Israel! Pois que Êle salva seus santos daquele horrível monstro, o demônio, da morte, inferno, e daquele lago de fogo e de enxôfre que é o tormento sem fim." (2 Nefi 9:19)

"Mas há ressurreição; portanto, a sepultura não tem vitória e o aguilhão da morte é desfeito em Cristo." (Mos. 16:8)

"Porque assim como em Adão todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo." (I Cor. 15:22)

Mas será que Cristo fêz tudo por nós? Será que nossa volta está assegurada com a ressurreição? Será que não temos parte nenhuma na consecução de nossa glória? Já sabemos que nosso Pai Celestial não é um Deus passivo, mas sim um Deus ativo; Êle não é um Deus inerte, mas sim um Deus dinâmico e confia ao homem a realização de sua própria glória, ou seja, tôda a preparação de sua futura vida.

Nem tôda a glória do Senhor consiste em conseguir a ressurreição do homem, mas também em algo superior que é a Vida Eterna, que é a parte da glória que deve ser conseguida pelo homem, desde que êste honre a sua capacidade de cumprir os mandamentos e leis divinas, dando assim um valor real à ressurreição de Jesus Cristo.

A ressurreição é necessária e fundamental, mas ela só salva; não exalta o homem até nosso Pai Celeste. Nenhum homem conseguirá a vida eterna sem a ressurreição, mas ela em si não consiste na exaltação completa e perfeita. É essencial ao homem, mas está incluída dentro da vida eterna. A ressurreição consiste no trabalho que o Senhor realiza, e que é impossível ao homem de fazer.

"E assim, Eu, o Senhor Deus, prescreví ao homem os dias de sua provação — que pela sua morte natural êle pudesse ser ressuscitado em imortalidade para a vida eterna, sim, todos os que crêssem."

"E, se guardares os meus mandamentos e perseverares até o fim, terás a vida eterna, que é o maior de todos os dons de Deus." (D&C 29:43, 14:7)

Quanto mais pura fôr a água da fertilidade, da castidade, da honestidade, mais puro será o vinho da ressurreição, podendo daí o homem ter a possibilidade de alcançar a vida eterna.

JÓIA SACRAMENTAL
para novembro

Escola Dominical Sênior

"O homem também no princípio estava com Deus. A inteligência, ou a luz da verdade, não foi criada nem feita, nem pode deveras ser feita." (D&C 3:29)

Escola Dominical Júnior

"Portanto, cingi os vossos lombos, para que sejais filhos da luz, e aquêle dia não vos surpreenderá como o ladrão." (D&C 106:5)

Recitação em Conjunto

A ser apresentada dia 4 de dezembro:

Curso 9: "Sim, há muitos que dizem: se nos mostrarem um sinal do céu, saberemos com segurança e então acreditaremos.

"E pergunto-vos agora: Isso é fé? Eis que vos digo: Não. Porque se alguém conhece uma coisa não tem necessidade de nela acreditar, por conhecê-la." (Alma 32:17-18)

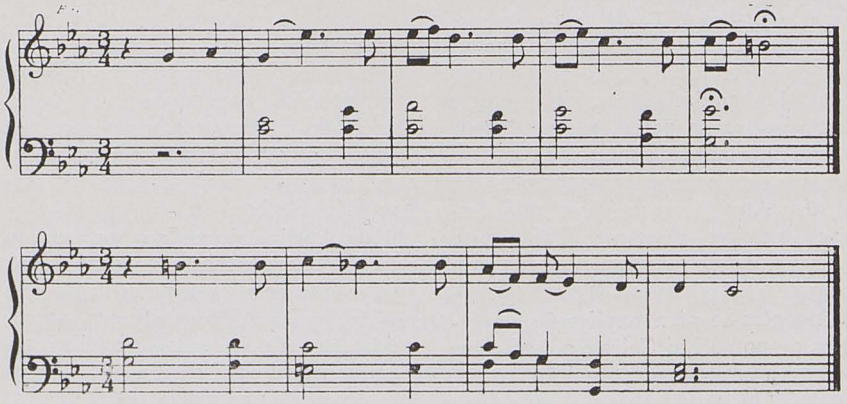
HINOS DE ENSAIO
para novembro

Escola Dominical Sênior

"Sê tu ao astro Kolob," n.º 173.

Escola Dominical Júnior

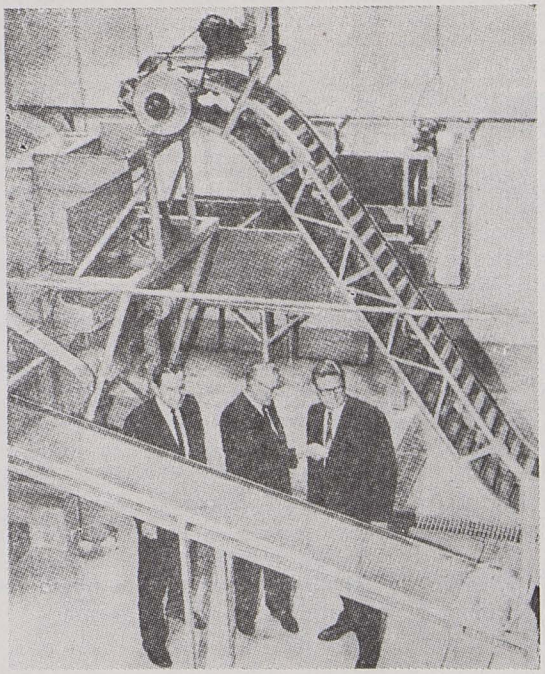
"O Sábado," n.º 102, As Crianças Cantam.



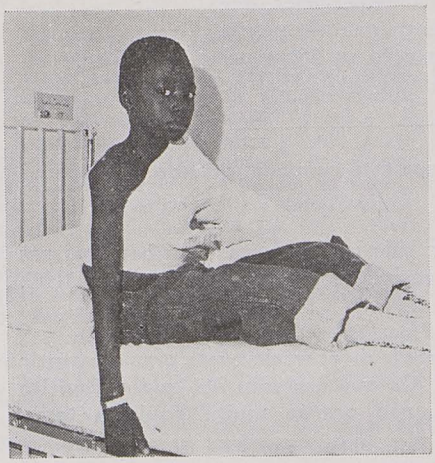
Curso 8: "E agora, como vos disse, porque fôstes compelidos a vos humilhar, fôstes abençoados; e não vos parece que serão mais abençoados ainda os que verdadeiramente se humilham por causa da palavra?" (Alma 32:14)

↑ Inaugurou-se no dia 14 de agôsto último, a capela da Ala São Paulo II, constituída dos antigos ramos I e II do Bosque da Saúde. Apresenta uma característica que a diferencia de tôdas as outras capelas já construídas no Brasil: seus detalhes lembram o gracioso estilo colonial, onde os arcos dão uma nota de antigo-moderno ao edifício. Na foto à esquerda, o Sacerdócio trabalhando nos detalhes finais, poucos dias antes da cerimônia inaugural.

NOTÍCIAS



↑ A fábrica de conservas do plano de Bem-Estar de Jordan Valley foi inaugurada há alguns meses. É a maior fábrica de conservas do Plano de Bem-Estar da Igreja e servirá a 23 estacas e 198 alas. Na foto, da esquerda para a direita, Robert L. Simpson, John H. Vandenburg e Victor L. Brown, do Bispado Presidente, observam o moderno equipamento com que a mesma foi dotada.



← Tidier Ghigma é um menino africano de 10 anos de idade. Aos 5 anos sofreu terríveis queimaduras que lhe desfiguraram o rosto e o corpo. Seu pai, desesperado ante a falta de recursos científicos e econômicos, escreveu uma carta ao Presidente McKay. Agora Tidier está internado no Hospital da Primária, onde será submetido a uma série de intervenções de cirurgia plástica, num espaço de 4 meses.

(continuação da pág. 25)

vivi mais. No outro hospital, em Água Verde, tinha amigos, vizinhos e pessoas queridas. Durante dez anos vi-os serem machucados, ficarem aleijados, morrerem e cada vez, um pouco de mim mesma morria também.

"Foi então que Sílvio, meu vizinho, machucou-se quando estava cavalgando. Êle era muito especial para mim, Corina. Eu estava com sua mãe quando êle nasceu; ela estava só; o médico não chegou a tempo e seu marido não estava. Tinha apenas dez anos e foi então que decidi ser enfermeira, quando crescesse.

"Cuidei de Sílvio durante todo o tempo. Ensinei-o a andar e íamos passear juntos. Êle me ajudava a decorar as lições enquanto estava me preparando para os exames; mais tarde, contou-me sôbre seus amigos e seus sonhos. Depois veio o acidente... durante semanas êle ficou na cama, com o rosto contra a parede. Todos sentíamos pena dêle e o mimávamos.

"Mas, chegou um nôvo médico, de outro hospital, que soube cuidar dêle. Dentro de pouco tempo Sílvio voltou para casa. Aprendeu a guiar um trator, aprendeu a dançar... mas depois, imagine, Corina, êle morreu por causa de apendicite supurada, coisa tão insignificante! Mas êle tinha andado novamente, Corina. Tinha vivido novamente, como tôdas as pessoas."

"E tudo isso a deixou tão amargurada?"

"Tudo isso e... eu gostava dêle, Corina. Gostava e demonstrei-o. Êsse foi o êrro."

"Você está errada novamente, Joana. Você tem que dar afeição, para poder recebê-la. Todos sofremos por alguma coisa; temos que aprender a viver com o sofrimento também."

Joana olhou para Corina. "Você é tão jovem! Mas logo aprenderá. Algum dia saberá."

O carro que estava em frente à casa partiu; Joana e Corina sabiam que era a dna. Adélia que ia embora. Voltaram para dentro da casa e Joana ainda sentiu a atmosfera tensa.

"Acho melhor voltar para o hospital," disse.

"Tolice," disse *seu* Olavo.

"É claro que não, querida," acrescentou dna. Eugênia. "Você não pode fazer isso."

"Adélia estava preocupada, é verdade, mas tenho certeza que você está fazendo o que acha melhor."

"Se os outros pudessem saber," disse Joana. "Mas eu sei que Marcelo voltará para a fazenda no fim do verão. Poderá até ajudar na colheita!"

"Espero que esteja certa, Joana," disse dna. Eugênia. "Ela precisa muito de Marcelo... com tôdas aquelas crianças. Ela sempre contou com êle."

"E é por isso que estou tentando fazê-lo lutar contra todo êsse desânimo."

O domingo chegou e o fim da curta visita também. "Você precisa voltar mais vêzes, Joana," convidou dna. Eugênia.

"Voltarei," prometeu Joana com tôda a sinceridade.

"A semana que vem," decidiu Huguinho.

"Não, Hugo. A semana que vem não."

"Mas eu dei seu nome aos meus patinhos e você precisa voltar para vê-los."

"Você quer dizer que tem seis patinhos com o nome de Joana?" riu-se esta.

"Sim."

"Oh, Hugo, você é impossível," disse-lhe Corina.

"Joana," os olhinhos de Hugo procuravam os seus e seu queixo tremia, "não quero que vá embora."

"Calma, querido. Voltarei muito breve." E Joana voltou-se para entrar no carro.

"Joana, dê-me um abraço, como Corina deu."

Joana abaixou-se e tôda sua reserva derreteu-se quando sentiu aquêles bracinhos amorosos em tôrno do seu pescoço.

Continua.

"Ser amigo" significa saber tudo a nosso respeito e continuar a nos estimar da mesma forma.

As crianças precisam de amor, especialmente quando não o merecem. Harold S. Hulbert.

Podemos procurar em tôdas as épocas, por pessoas que não tiveram problemas; podemos olhar em tôdas as ruas do céu, perguntando a cada um que lá está e descobriremos ser vão procurar por homens moral e espiritualmente fortes, que tenham conseguido sê-lo sem esfôrço. Não pense que existe uma só pessoa que não tenha lutado pelo seu sucesso e felicidade. Não há exceção em lugar nenhum. Todo sucesso verdadeiro é conseguido através de esfôrço. *Richard L. Evans.*

O menino abria a bôca no mundo, enquanto o pai empurrava seu carrinho rua abaixo.

"Calma, André, controle-se," ia dizendo o pai calmamente. "Vamos, André, tenha calma."

"Parabéns, senhor!" disse uma mulher que observava a cena. "O senhor conhece bem o jeito de se lidar com as crianças — calma e gentilmente." Depois ela perguntou:

"Então, o nome do garôto é André?"

"Não, senhora," respondeu o pai. "O dêle é Bernardo. André sou eu."

Muita gente pensa que está ocupada, quando está apenas confusa.

Nunca lhes disse ter sido perfeito; mas não há erros nas revelações que lhes ensinei. Profeta Joseph Smith, DHC, VI, 366.

Se não sentimos vontade de orar, devemos orar até sentir vontade de fazê-lo. Os que esperam até que o Espírito os inspire a orar, não orarão muito aqui na terra. Brigham Young.

PROGRAMA NOITE FAMILIAR

LIÇÕES PARA NOVEMBRO

1.ª SEMANA — **AS BÊNÇÃOS QUE RECEBEMOS POR PERTENCERMOS À IGREJA**

Introdução:

As lições anteriores nos ajudaram a compreender que somos amados pelo Pai Celestial, por Jesus e pelo Espírito Santo. As próximas lições têm por objetivo mostrar que o Pai Celestial estabeleceu a Igreja por amor a seus filhos.

Lição:

1. *O Pai Celestial nos deu a Igreja*

Inicie explicando à família que há uma passagem que nos diz a razão de a Igreja de Jesus Cristo ter sido restabelecida nos últimos dias. Todo membro da Igreja deverá estar familiarizado com ela; peça a um familiar para ler D&C 20:1-4; depois pergunte: por vontade de quem se estabeleceu a Igreja? Para quem foram dados os mandamentos?

Não só por isso nossa Igreja é diferente das outras: Jesus é o cabeça dela. Leia III Nefi 27:3-10 e explique os versículos com suas próprias palavras.

2. *Conte suas bênçãos*

Dê lápis e papel aos familiares e peça-lhes que enumerem as bênçãos que poderiam receber se a Igreja não existisse; inicie fazendo estas perguntas:

- poderíamos ir à Reunião Sacramental para orar e adorar o Pai Celestial?
- poderíamos participar do sacramento?
- teríamos nos haver batizado?
- papai possuiria o sacerdócio para abençoar os familiares quando algum de nós estivesse doente?

Espere alguns minutos e depois prossiga, dizendo que certamente êles ainda poderiam escrever uma porção de coisas, mas que poderão fazê-lo quando surgir a oportunidade durante a lição. Não deixe de mencionar os seguintes itens nessa relação: sacerdócio, casamento para a eternidade, ordenanças do templo, conhecimento do evangelho, etc.

Pergunte: de que forma a Igreja fortalece a nossa vida familiar?

A resposta poderá incluir as seguintes idéias: o casamento é eterno; os pais são selados um ao outro e os filhos a êles, resultando na unidade familiar; a Igreja nos incute ideais elevados; nos ensina a fazer oração familiar; a ir à capela, para juntos adorarmos ao Senhor.

3. *As experiências pessoais provam que a Igreja é uma bênção*

Conte aos familiares suas experiências, as quais demonstram que pertencer à Igreja é uma bênção. Tais experiências poderão estar relacionadas com o desenvolvimento dos seus talentos, a oportunidade de fazer missão, ensinamentos da Igreja que fortaleceram o seu caráter, etc. Se quiser, ilustre êste tópico com os exemplos abaixo, que também são experiências reais:

Não sabem a sorte que têm

Certo pai contou à família, reunida à hora do jantar, sôbre a experiência que tivera naquela tarde, a qual fortalecera ainda mais o seu testemunho da Igreja. Conversava êle com alguns irmãos da Igreja, quando na hora de despedir-se, viu que um conhecido seu, não membro da Igreja, aproximava-se. O conhecido aproximou-se e depois de cumprimentar, disse: "Vocês, mórmons, são bastante afortunados. Desde que a pesquisa médica tem demonstrado que o fumo causa o câncer, vários de meus amigos têm tentado parar de fumar; para alguns isso é bem difícil, pois têm até de tomar remédio. Os que não conseguem parar de fumar, mesmo com a ajuda do remédio, vivem com mêdo de ficar cancerosos. Agora vocês já sabem porque são tão afortunados."

A fraternidade

O irmão Martins era membro do quórum de élderes de certa cidadezinha do interior e vivia com a família em uma fazenda. Trabalhava bastante no plantio e irrigação de seus produtos. Naquele ano estava particularmente feliz, pois a colheita prometia ser melhor do que usualmente.

Certa noite ficou muito doente, pois teve um ataque de coração. Quando o médico veio, disse-lhe que deveria permanecer na cama durante uns dois meses, em repouso absoluto.

Êsse irmão ficou muito preocupado, pois o que seria de sua colheita? A sua situação financeira não permitia que contratasse empregados que fizessem a colheita e mesmo que pudesse fazer isso, não encontraria ninguém para ajudá-lo, pois nessa época do ano a mão de obra ficava bem escassa. Além disso, se deixasse a colheita perder-se, não teria dinheiro para alimentar a família até que se recuperasse e chegasse o tempo de nova colheita.

Os fazendeiros vizinhos, também do mesmo quórum de élderes, apesar de estarem atarefadíssimos cuidando de suas próprias plantações, foram até a fazenda do irmão Martins e em poucos dias fizeram tôda a colheita para êle. Vocês conseguem imaginar a alegria que êsse irmão sentiu quando soube que o seu produto já estava colhido e pronto para ser despachado?

Nenhuma dessas bênçãos seria possível se não houvesse a Igreja. Por isso mesmo devemos sempre seguir os mandamentos que nos foram dados pelo Pai Celestial, pois Êle visa apenas o bem-estar de seus filhos aqui na terra.

PROGRAMA SUGERIDO

Hino: "À glória nós iremos," 158.
Oração:
Jogral: Pela família.
Lição/objetivo: Ajudar os familiares a sentirem profunda apreciação pelas bênçãos que lhes são concedidas, devido ao fato de se terem afiliado à Igreja.
Memorização: 3 Nefi 27:9.
Atividade: Fantoches (vide pág. 22).
Hino: "Que firme alicerce," 49.
Oração:
Lanche: Cuzcuz.

2.ª SEMANA — A FRATERNIDADE SUD COMEÇA NO LAR

Introdução:

O amor fraterno deve ser primeiramente aplicado no lar, para depois ser propagado entre as outras pessoas. O lar é a unidade básica da Igreja, pois nêle obteremos o nosso melhor treinamento em viver o evangelho. O pai deverá aconselhar-se com a espôsa sôbre como ajudar a família a praticar êsse princípio; se todo o lar SUD o aplicasse dentro da família, depois seria muito mais fácil aplicá-lo entre os irmãos das alas e ramos da Igreja.

Lição:

1. *Ela era diferente*

Certa menina sofreu um acidente automobilístico, ficando com uma doença mental. Recuperou-se vagarosamente, mas não ficou como antes. Alguns meses depois do ocorrido, a família mudou-se da cidade e começou a freqüentar um outro ramo.

A menina não falava muito bem e algumas vêzes dizia o que não devia. Quando se cantava um hino, ela geralmente continuava cantando, mesmo após êste haver terminado. Seus pais a levavam à Primária porque o médico dissera que o convívio com outras crianças influenciaria bastante em sua recuperação.

Pergunte: Como a tratariam, se ela pertencesse ao mesmo ramo que vocês? E se fôssem essa menina, precisariam da amizade e do amor de tôda a classe?

2. *Cristo deseja que os santos demonstrem amor fraternal uns pelos outros*

Pergunte: Jesus importa-se com a maneira como nos tratamos na Igreja? Há algum versículo nas escrituras que respondem a esta pergunta? (Vejam João 13:34-35). Nesse ponto da lição, os familiares deverão avaliar o seu comportamento, se êste está ou não de acôrdo com os padrões de Cristo.

As seguintes escrituras, que deverão ser lidas pelos familiares em conjunto ou isoladamente, bem demonstram a necessidade de os SUD desenvolverem o espírito de amor fraternal:

- I João 3:10-11; I João 4:7.
- D&C 112:11.
- D&C 38:24-27.

3. *A prática do amor fraterno aperfeiçôa nossas almas*

Ajude os familiares a compreenderem que, quando damos demonstrações do nosso amor fraternal a qualquer pessoa, assim devemos fazer visando uma bênção para essa pessoa e não o nosso próprio benefício.

Peça aos familiares para lerem juntos Moroni 7:44-48, a fim de determinarem como as nossas almas aperfeiçoam-se amando o próximo. Nesses versículos o amor fraternal é referido como "caridade" ou "puro amor de Cristo." Leiam também I Coríntios 13, que trata do mesmo assunto.

Após a leitura, as seguintes idéias poderão orientar a discussão:

- Sem amor ao próximo, nada somos.
- Experimentamos êsse amor quando estamos cheios do Espírito Santo.
- Se tivermos essa espécie de amor, seremos pacientes, não sentiremos inveja e nos alegraremos com as habilidades e realizações dos nossos irmãos e conhecidos.
- Virá um tempo em que o nosso conhecimento será perfeito e não mais precisaremos de fé ou profecias. Mas *sempre* precisaremos do amor fraterno.
- A prática do amor fraterno nos ajudará a sermos perfeitos, tornando-nos iguais a Cristo. E sòmente os que tiverem êsse tipo de amor poderão viver com o Senhor e com Jesus Cristo.

4. *Desenvolveremos o nosso amor fraterno*

Pergunte: Sentimos pelas pessoas que conhecemos um amor sincero e desinteressado? Alegramo-nos com o seu sucesso e realizações?

Como membros da Igreja de Cristo, devemos aprender a amar nossos irmãos da Igreja.

Suponhamos que em nosso ramo ou ala existe uma família que critica tudo o que é feito. São contra tudo: contra as sugestões do bispo, contra a realização de atividades sociais, etc. Lamentam-se muito e semeiam discórdia entre os demais membros.

Pergunte: De que forma devemos agir para com essa família? Demonstraríamos a ela o nosso amor ou apenas aborrecimento e desaprovação por sua atitude?

Òbviamente êles necessitam de ajuda. Como poderemos ajudá-los? Sòmente poderemos fazê-lo se sentirmos verdadeiro amor fraterno para com êles. Na qualidade de santos, devemos aprender a amar tôdas as pessoas, mesmo aquelas que fazem coisas que não gostamos.

Cada familiar deverá perguntar a si próprio qual a forma de demonstrar amor fraterno por todos os membros do ramo ou ala. Depois o assunto será discutido com tôda a família. Ressalte o seguinte:

- Para experimentar o tipo de amor que Jesus quer que sintamos, precisaremos ser humildes para podermos ser influenciados pelo Espírito Santo. Leiam Moroni 8:26. Neste versículo o amor fraterno é chamado de "perfeito amor."
- Orarei para que o Senhor me ajude a experimentar êsse sentimento. Leiam Mórmon 7:48.
- Ajudaremos as pessoas por quem ainda não sentimos amor. Ilustrem êsse tópico com experiências ocorridas na família.

Atividade:

"Arroz e feijão"

Um pires com grãos de arroz e de feijão para cada participante. Todos recebem igual quantidade de grãos, sendo muito maior o número dos de arroz. Cada qual deverá sentar-se, colocando o pires em uma mesa.

Ao sinal de início, os jogadores põem-se a fazer, com os grãos que receberam, o contôrno de uma série de figuras (animais, casas, barcos, caretas, etc.), vencendo a brincadeira quem consegue executar três, cinco ou sete "quadros," enfim, o número combinado de figuras. *Variantes*: O jôgo é feito com palitos de fósforos ou botões (de côres e tamanhos variados; a brincadeira faz-se em duplas, vencendo a que primeiro utilizar todos os grãos.

PROGRAMA SUGERIDO

Hino: "Com fervor fizeste a prece?", 21.
Oração:
Canção: Pela família.
Lição/Objetivo: Inspirar cada qual a praticar o amor fraterno.
Memorização: D&C 112:11.
Atividade: "Arroz e feijão."
Hino: "Em união," 52.
Oração:
Lanche: Bôlo de chocolate com refresco de groselha.

3.ª SEMANA — A FAMÍLIA É ABENÇOADA ATRAVÉS DO SACERDÓCIO

Introdução:

Devido à natureza dêste assunto, é imprescindível que o pai dirija a parte da aula. Deverá falar de sua alegria por ter um lar e uma família.

Lição:

1. *Conselho a um recém-casado*

O jovem casal ouvia atentamente as palavras que o bispo pronunciava na cerimônia que os uniria para o tempo e eternidade. O bispo dizia ao noivo: "Hoje, neste templo, uma nova unidade da Igreja está sendo organizada e você, irmão, deverá ser o cabeça dessa nova unidade. Talvez seja chamado para trabalhar em outras unidades da Igreja; êsses cargos são importantes, mas será desobrigado dentro de poucos anos; entretanto, *nunca* será desobrigado da posição que está assumindo hoje: servirá nesse trabalho para sempre. Por isso deverá ser uma autoridade digna e sábia, caso contrário essa unidade — a sua família — sofrerá eternamente. E se presidir em retidão, conduzindo a família segundo os princípios do evangelho, seu lar será repleto de amor e alegria eterna."

Pergunte: Falando em nome do Senhor, êsse bispo declarou que novas unidades da Igreja são organizadas em certas ocasiões; quais? (nos casamentos). E quem será o presidente, o líder dessa unidade?

2 *Presidir a uma família é uma grande responsabilidade*

A êste ponto da lição diga umas poucas palavras aos presentes, com respeito ao seu sentimento de ser o líder dessa família.

Procure falar a cada um, olhando-o diretamente nos olhos. Ao mencionar os traços positivos de cada familiar, o espírito de amor se irradiará, formando o ambiente propício para que você lhes fale de sua humildade em aceitar a difícil responsabilidade de ser o cabeça da família. Ressalte que tal como para um treinador de futebol, a tarefa mais árdua é dar orientação adequada aos componentes da equipe, tornando-se o líder que êles desejam.

3. *O Sacerdócio ajuda o homem a orientar sua família*

Pergunte: Já sabemos que nossa família é uma unidade da Igreja; quais são algumas das outras? (alas, estacas.) Quem preside uma ala? E uma estaca? Os homens que as presidem fazem-nos meramente por serem homens ou possuem um poder maior? Que nome tem êsse poder e de onde vem?

Através desta discussão, saliente que a família é mais do que uma unidade da Igreja; e o sacerdócio, que é o poder através do qual o bispo dirige a ala, também é o poder pelo qual o pai dirige a família.

Compare sua família com uma ala; peça aos familiares para ajudarem na feitura de uma lista de deveres de um bispo; depois outra dos deveres de um pai. Inclua o seguinte: cuidar do bem-estar físico e espiritual de todos os membros da ala; ter sabedoria para dirigir a ala; reunir os familiares para a oração familiar, ter sabedoria para orientar os filhos, etc.

4. *Os familiares devem apoiar o pai como o cabeça da família*

Pergunte: o que significa levantarmos a mão direita em resposta a alguma decisão do bispo? (Significa que o apoiaremos em suas responsabilidades.)

Se tivéssemos o melhor bispo de tôda a Igreja e não o apoiássemos, teríamos uma boa ala? (Nenhum bispo consegue fazer tudo sòzinho, êle precisa da nossa ajuda.) O bispo e o pai desempenham o mesmo papel, presidindo a unidades da Igreja, com a diferença de que o bispo precisa da ajuda dos membros da ala e o pai a ajuda dos familiares.

Designação:

Êste final de lição deverá ser dado pela mãe. Deixe bem claro aos filhos que é seu desejo e intenção apoiar seu marido como oficial presidente da família. Aconselhe os filhos a procurarem o auxílio do pai para receberem bênçãos e serem orientados em um assunto difícil. Convide os filhos a expressarem seus sentimentos para com o pai e combine com êles uma forma de melhor ajudá-lo a dirigir o lar (neste ponto o pai deverá deixar a sala, para que os assuntos decididos fiquem como um segrêdo; isto significa que os pontos mencionados deverão ser postos em prática, sem que se precise fazer comentários sôbre êles com o pai.)

- saudar o pai amorosamente quando chega do trabalho e dizer as coisas importantes que aconteceram durante o dia.
- pedir os seus conselhos sôbre os problemas que têm.
- empenhar-se com todo o coração quando êle o chamar para ajudar nos assuntos familiares.
- pedir a sua bênção quando estiver em situação difícil.

Para a espôsa:

Pouco antes do marido chegar coloque um nôvo avental e dê uma "arrumadinha" no cabelo. Quando chegar, dê-lhe tôda a atenção. Apesar de algumas espôsas não compreenderem êsse ponto, tal prática traz grande facilidade ao marido.

Ao dar conselho ou permissão de os filhos fazerem alguma coisa quando o pai não está em casa, faça crescer o respeito que têm por êle, dizendo, "Acho que se o papai estivesse aqui êle diria que..."

Atividade:

"Salta, gafanhoto!"

Os participantes dispõem-se em círculo, de frente para o centro, exceto um, que fica fora da roda. Ao sinal de início, o jogador isolado sai a pular num pé só em volta do círculo, para tocar, de repente, nas costas de outro. Ambos procuram então, contornar a roda num pé só, a fim de ocupar o lugar agora vago no círculo. Quem não o consegue vai ser o nôvo elemento isolado, no reinício da brincadeira.

O jogador que, durante a corrida pousa os dois pés no chão ou troca o pé de apôio perde o direito de se apossar do lugar vago. Ninguém pode desempenhar três vêzes seguidas o papel de perseguidor, devendo, ao cabo da terceira, escolher o seu substituto, dentre os companheiros da roda.

Variantes: perseguidor e perseguido correm num pé só, segurando o outro atrás, com uma das mãos; pegador e fugitivo saltitam o tempo todo da corrida.

PROGRAMA SUGERIDO

Hino: "Louvai o eterno Criador," 161.
Oração:
Poema: Por um filho.
Lição/Objetivo: Inspirar o pai a, através do Sacerdócio, considerar-se o cabeça da família; inspirar os familiares a apoiarem o pai em seu chamado.
Memorização: D&C 84:21-22.
Atividade: "Salta, gafanhoto!"
Hino: "Vem a teu Redentor," 176.
Oração:
Lanches: Doce de abóbora com queijo.

4.ª SEMANA — SOLIDARIEDADE COM CADA MEMBRO DA IGREJA

Lição:

1. *Tôda pessoa necessita de amigos na Igreja*

Pergunte: é importante têrmos amigos na Igreja?

Depois de terem respondido, diga-lhes que a mesma questão foi perguntada a um grupo de jovens da Igreja e algumas de suas respostas foram:

- quando eu pertencia a um outro ramo, quase deixei de ir à Igreja porque não me sentia benquisto.
- a indelicadeza pode afastar as pessoas da Igreja, muito mais do que a Palavra de Sabedoria.
- é difícil sentirmos espiritualidade, a menos que saibamos que os outros membros nos apreciam e desejam estar ao nosso lado.

2. *Como as pessoas se sentem quando não têm amigos?*

Peça a um familiar para deixar a sala. Enquanto está fora, arrumem as cadeiras de modo que quando êle voltar todos estejam de costas para êle. Ninguém deverá falar-lhe ou responder às suas perguntas durante meio minuto. Depois peçam-lhe para dizer o que sentiu.

Com tôda a certeza dirá que, apesar de saber que o jôgo era de brincadeira, sentiu-se isolado no próprio lar. Esta brincadeira bem ilustra como as pessoas se sentem na Igreja quando alguém não lhes dá atenção.

3. *Jesus estabeleceu um padrão de fraternidade*

Peça aos familiares para lerem juntos em D&C 38:27 (sòmente a última sentença do versículo), o que o Salvador nos revelou sôbre êste assunto. Pergunte: O que significa "ser um?" Que sentimentos devemos ter para com o próximo se "fôrmos um"?

Nos dias de Mosiah, os seguidores de Cristo receberam a seguinte exortação: (Mosiah 27:3-4).

Que relação tem essas passagens com a irmandade na Igreja? De conformidade com as palavras do Salvador, o Presidente David O. McKay, um profeta inspirado, disse o seguinte:

"Uma das razões principais porque o Salvador estabeleceu sua Igreja é propiciar às pessoas de todos os níveis, ricas ou pobres, fortes ou fracas, a oportunidade de se associarem com o próximo num ambiente elevado, de grande fraternidade religiosa." (*Gospel Ideals*, David O. McKay, pág. 253.)

Pergunte: o que devemos fazer para viver no padrão que o Salvador estabeleceu? Antes de responderem, conte o seguinte:

- Três rapazes tornaram-se inativos na Igreja por causa da atitude dos outros rapazes do seu ramo; os líderes do Sacerdócio Aarônico falharam em integrá-los no grupo.
- Em uma das classes da Primária, havia uma menina que raramente freqüentava as reuniões; quando vinha, ninguém se sentava ao seu lado e as outras meninas davam risadinhas entre si quando respondia a alguma pergunta e achavam graça de suas roupas. Certo dia, quando a professôra perguntou-lhe porque quase não vinha, respondeu: "as meninas não gostam de mim."

Conte outros incidentes observados por você, os quais indicam a necessidade de maior irmandade. Tente demonstrar à família que não devemos esperar que os outros nos ofereçam a sua amizade, mas devemos tomar parte ativa no esfôrço de irmanar todos os membros da ala ou ramo. Agora os familiares poderão responder, baseados no que você acabou de dizer.

4. *Como a nossa família pode ajudar a Igreja a alcançar o padrão de irmandade estabelecido pelo Salvador.*

Uma senhora vinda de um outro país disse aos irmãos de sua nova ala, algumas semanas após sua chegada, que ela, o marido e a filha de 10 anos, quando vinham para as reuniões apertavam as mãos das pessoas e iam embora logo depois que as reuniões terminavam, pois sentiam apenas uma afabilidade superficial, que na realidade não vinha do coração das pessoas. Certo dia teve uma idéia e disse ao marido e à filha: "estamos esperando que as pessoas se tornem nossas amigas; entretanto, não podemos esperar que se aproximem de nós: devemos ir a elas."

A ala tornou-se um lugar diferente quando essa família começou a oferecer o seu amor aos outros irmãos.

Designação:

Decida com a família um plano para melhorar a fraternidade em sua ala ou ramo. Um dos projetos mais simples e mesmo assim de grande resultado, é o sentar-se ao lado de alguma pessoa solitária durante a reunião e depois, no vestíbulo, conversar com ela sôbre algum assunto que a interesse.

Não importa o plano a ser escolhido pela família, o principal é que não esqueçam de que a melhor maneira de ajudar a uma pessoa é fazê-la sentir que tem valor como ser humano.

Atividade:

"Aposta de pulgas"

Dois partidos iguais (A e B) enfileiram-se de um lado e do outro duma linha riscada no meio do campo. Dentro de cada grupo, os jogadores são numerados, sorteando-se o partido que irá começar.

Ao sinal de início, o capitão do grupo sorteado (do partido A, por exemplo), encosta a ponta dos pés na linha central e dá um pulo à frente, procurando cair o mais longe possível. O capitão do partido B, auxiliado pelo juíz (já escolhido prèviamente) assinala com um risco a distância vencida, ou seja, o lugar mais próximo à linha central, onde o adversário tocou, ao cair, com qualquer parte do corpo. Geralmente a marca é feita no lugar dos calcanhares, mas se o participante cai para trás e apoia as mãos no chão, por exemplo, o risco é dado nesse ponto.

O capitão do partido B coloca-se, agora, atrás dêste último risco, encosta nêle as pontas dos pés e pula para a frente (em direção ao grupo adversário). Ao capitão oposto compete assinalar com um nôvo risco o resultado dêsse pulo. Cabe, a seguir, ao segundo jogador do grupo A postar-se atrás do último risco e saltar para a frente, em direção ao partido contrário, fazendo-se nova marca, atrás da qual se coloca o segundo jogador do partido B e assim sucessivamente. A brincadeira continua desta forma, partindo cada jogador do último ponto atingido pelo adversário anterior e avançando no sentido oposto ao dêle. Os pulos são dados com os pés juntos e *sem corrida prévia*, embora cada competidor possa flexionar os joelhos e balançar os braços, a fim de tomar impulso.

Vence o jôgo o partido que apresenta maior avanço, depois de todos terem tido a sua vez. Assim, se o último jogador a pular (do partido B, portanto,) cair além da linha inicial de partida, é sinal de que o seu partido venceu. Em caso contrário, a vitória pertencerá ao lado contrário.

Para evitar-se dúvidas, vão-se apagando os riscos, à medida que não forem mais necessários.

PROGRAMA SUGERIDO

Hino: "Semeando," 145.
Oração:
Número Musical: Por um filho.
Lição/Objetivo: Estimular cada membro da família a sentir que tem a responsabilidade de melhorar o ambiente de fraternidade religiosa em sua ala ou ramo.
Memorização: Mosiah 27:3 (ult. sentença).
Hino: "Não deixeis palavras duras," 22.
Oração:
Atividade: Passeio pelo bairro; depois, se o desejarem, poderão ir a uma confeitaria comer doces gelados. Se a noite estiver fria ou chuvosa, façam a atividade sugerida acima.

Artigo de capa

Descendo o Rio Negro, próximo a Manaus, o presidente Beck fixou o flagrante que hoje estampamos na capa. Uma mulher curvada sôbre a tábua de "bater roupa," torce uma peça recém-lavada enquanto ao redor branquejam ao sol as que já haviam passado pelo mesmo processo, estendidas sôbre o capim alto da clareira aberta junto ao rio. Duas crianças completam a cena, observando o trabalho da lavadeira e olhando inexpressivamente a embarcação do fotógrafo que deslisa sôbre as águas.

Ao fundo a mata densa, basta, quase maciça: a impenetrável floresta amazônica. Mais além, no seio da mata, à sombra das altas árvores, enrodilhadas no meio da intrincada tecitura dos cipós e arbustos que enchem os desvãos dos troncos poderosos, cochilam as grandes serpentes que tanta sensação produzem nas histórias mais ou menos fantasiosas que se escrevem a respeito do grande rio. Macacos guincham na meia luz da mata e os índios nús perambulam; os últimos e altivos filhos da floresta que não se deixaram ainda enredar pelas artimanhas dos brancos, nem vencer pelas tentações de seus baratos presentes, que finalmente tão caros lhes saem: espelhinhos e canivetes ordinários e garrafões de aguardente, o veneno destruidor que tem feito tombar os mais bravos guerreiros do sertão. Livres, despreocupados e mal conscientes de que seus dias de tranqüilidade e paz estão contados, caçam, pescam e à noite dançam no terreiro de chão batido das tabas, à luz das fogueiras, enquanto os "civilizados" começam a voltar olhos cubiçosos para as suas terras virgens, seus campos de caça e seus piscosos rios ainda não poluídos.

À margem da corrente, nas clareiras abertas a machado e fogo na mata das barrancas, onde capim e arbustos substituem os velhos e orgulhosos troncos, vegeta o grupo intermediário de população que se formou após a expulsão dos selvagens e que traz nas veias o sangue dos invasores brancos de mistura com o dos nobres guerreiros bronzeados que foram expulsos, tendo assim herdado de ambas as raças os traços que os distinguem, e que na opinião dos pessimistas, são os piores de cada uma.

Não são ferozes como os índios, nem nômades, nem livres. Fixam-se à margem do rio em miseráveis choupanas de pau a pique cobertas de palha, vivendo num estágio de semi-civilização, que permanece inalterado desde os tempos da descoberta. Até hoje ainda lhes ajuda a vencer o negrume das noites, a mesma lamparina fumarenta de azeite trazida pelos navegadores portuguêses. Veste-lhes a nudez o tecido grosseiro e escasso que desde os primeiros tempos tem coberto o corpo dos habitantes da região. Embala-lhes o sono a rêde que receberam dos avós indígenas; aquêles mesmos antepassados que agora desprezam, convencidos de sua própria superioridade.

Sim, êstes não são selvagens porque não andam nús, mas têm andrajos que lhes cobrem o corpo à imitação dos civilizados; em suas caçadas levam ao ombro a espingarda de cartucho em lugar do arco e flecha que, de resto, não saberiam manejar; não dançam mais à roda das fogueiras no terreiro das tabas, mas gastam "civilizadamente" seus momentos de lazer nos balcões dos botequins miseráveis de beira-rio, encharcando-se com aguardente, enquanto alguém a um canto espreme música roufenha de uma sanfona velha.

Também não são civilizados no sentido exato da palavra, já que não sabem ler nem escrever e talvez a maior parte nem ao menos saiba dizer em que dia nasceu.

Não se somam às fôrças produtivas da nação, porque apenas comem o que dos rios e matas conseguem tirar: peixe, palmito e alguma carne. Em suas doenças tratam-se ainda com as ervas nascidas ao acaso na mata, sem que jamais se lembrem de plantá-las ao redor de suas casas. Negociam, para aquisição do sal, da querosene e dos panos grosseiros, vendendo aves de penas brilhantes e coloridas que apanharam em arapucas; ovos de tartaruga colhidos junto ao rio e peles de animais que caem em suas armadilhas.

Assim vive, infelizmente, considerável parcela da população de nosso país: à margem da corrente da vida e dos problemas do tempo presente. Apegados às práticas, tradições e ignorância herdadas dos antigos. Sem orgulho do passado, nem esperança do futuro; nascem, como disse alguém, sem saber como; vivem sem saber porque e um dia hão de morrer sem saber como nem porque.

Muitos de nós gostaríamos de poder atribuir a situação de maneira simplista ao descaso dos governos, às injustiças da ordem social vigente e aos vícios do regime político. Convém sermos mais realistas diante dos fatos e caridosos diante dos homens de govêrno.

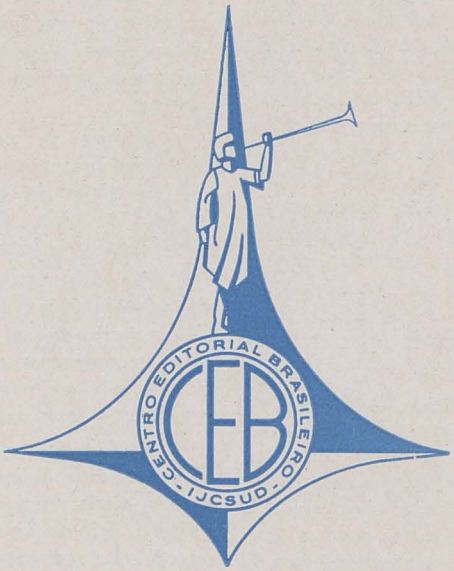
Em tôda a parte existem os marginalizados, os quais se postam à margem dos acontecimentos, vivendo modorrentamente ao léu, olhando os dias passarem e escoar-se o tempo de sua experiência terrena sem nada que o marque, sem nenhuma ação que permita dizer-se no futuro: por aqui passou um filho de Deus.

Mudem-se os governos, substituam-se os líderes, subverta-se a ordem social e erija-se um nôvo esquema, sejam essas pessoas colocadas em empregos fabrís, vestidas e alimentadas e continuarão, muitas delas, a serem marginais: espectadores passivos da vida que outros conduzem.

Sòmente a modificação do íntimo, a transformação do espírito, o renascimento da alma ao toque vivificador da fé é que pode liberar as energias latentes do homem, porque o evangelho traz resposta às indagações mais importantes da existência e nêle se aprende o motivo do nosso nascimento neste mundo, as razões da existência terrena e a posição da morte no plano da vida. E ninguém mais há de nascer sem saber como, ou viver sem saber porque, para morrer sem saber como nem porque.

Quem conhece as verdades eternas do Plano de Deus e por elas pauta a vida, sobrepuja as dificuldades e obstáculos do caminho e se lança corajosa e produtivamente na corrente da vida, gozando os benefícios do progresso material e ajudando os companheiros de jornada a se erguerem e lutarem, recebendo, no dia futuro, a recompensa reservada aos vencedores.

Esta é a única esperança de redenção da Pátria e salvação do mundo: o evangelho de Jesus Cristo, restaurado em tôda a sua pureza nestes últimos dias.



22 DEC 1966